



**FACULDADE TEOLÓGICA E FILOSÓFICA - RATIO
CURSO SUPERIOR EM SERVIÇO SOCIAL**

JOSÉ GERALDO AVELINO FILHO

**O CENTRO DA CIDADE DE FORTALEZA E A REALIDADE DAS
PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NA PRAÇA DO FERREIRA**

Fortaleza

2016

O CENTRO DA CIDADE DE FORTALEZA E A REALIDADE DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NA PRAÇA DO FERREIRA

Monografia submetida à aprovação do Curso de Bacharelado em Serviço Social pela Faculdade Teológica e Filosófica Ratio, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Serviço Social.

Orientador(a): Prof. Esp. Adryana Estácio Trummer

Fortaleza

2016

JOSÉ GERALDO AVELINO FILHO

**O CENTRO DA CIDADE DE FORTALEZA E A REALIDADE DAS PESSOAS EM
SITUAÇÃO DE RUA NA PRAÇA DO FERREIRA**

Monografia como pré-requisito para obtenção do título de Bacharelado em Serviço Social, outorgado pela Faculdade Teológica Ratio, tendo sido aprovada pela banca examinadora composta pelos(as) professores(as).

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Esp. Adryana Estácio Trummer
Orientadora

Prof. Ms. Francisco de Assis Alencar Mota
Faculdade RATIO

Prof.^a Ms. Virzângela Paula Sandy Mendes
Faculdade RATIO

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente à Jesus, nosso Senhor, e sua mãe Maria santíssima, por tudo, e especialmente pela graça de me dar o dom da vida, e de me guiar no caminho que me faz realmente feliz e realizado.

Agradeço aos meus pais José Geraldo Avelino (em memória) e Luzia Izidório Avelino, que em sua simplicidade me ajudaram a tornar-me a pessoa que sou hoje e a me passar valores que levarei grato, por toda a minha vida.

Agradeço à minha esposa Talita Pereira de Oliveira Avelino, por ser minha companheira e principal motivadora, obrigado, pois a nossa vida é uma só vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus nosso Senhor e sua Mãe Maria santíssima.

Agradeço aos meus pais José Geraldo Avelino (em memória) e Luzia Izidório Avelino, esta conquista também é de vocês.

Agradeço à minha esposa Talita Pereira de Oliveira Avelino, por sonhar comigo este sonho de realização.

Agradeço aos meus colegas de turma, pois sem a força e o companheirismo de vocês creio que não conseguiria ter chegado até aqui.

Agradeço à Faculdade Teológica e Filosófica Ratio, nas pessoas das professoras Virzângela Paula Sandy Mendes que esteve a me apoiar principalmente nos momentos mais difíceis desta caminhada e Adryana Estácio Trummer pela paciência e confiança depositada em mim no processo de construção deste trabalho.

Meu mais profundo e sincero obrigado a todos vocês.

“Uma boa cabeça e um bom coração fazem
uma combinação maravilhosa.”

Nelson Mandela

RESUMO

O presente trabalho, que tem como título: o centro da cidade de Fortaleza e a realidade das pessoas em situação de rua na Praça do Ferreira, trata-se de uma pesquisa qualitativa onde buscamos entender que aspectos sociais e econômicos ocasionam a situação de rua vivenciada pelas pessoas concentradas na Praça do Ferreira. Visa também identificar relações da situação de rua com o abuso de drogas lícitas e ilícitas, a perda dos vínculos familiares, a exclusão social e relatar sobre o dia-a-dia vivenciado por pessoas nessa situação, no local pesquisado. Para tanto foi utilizado uma pesquisa bibliográfica, baseada em autores, pesquisas e estudos que falem do assunto e uma pesquisa de campo com entrevistas e observações, feitas com pessoas que atualmente se encontram no local pesquisado, em situação de rua. Verifica-se que o uso abusivo de drogas e/ou álcool realmente tem ligações diretas nos casos estudados com a situação de rua. Verifica-se também uma ligação intrínseca dessas duas categorias de análise (uso abusivo de drogas e/ou álcool e a perda dos vínculos familiares), em dois dos três entrevistados foram a dependência química associada a perda dos vínculos familiares que resultaram na situação de rua vivenciada pelas pessoas. As dificuldades encontradas no seu cotidiano não são, como aponta o senso comum, o fato de ter de passar a maior parte do seu tempo, e até dormir junto com sua família, na Praça. Para elas, o local é mais um “coração de mãe”, devido à oportunidade de se encontrar lá, alimentação, por ser um local onde se comercializa comida em grande escala, de forma formal e informal. É também um local, segundo elas, seguro e de grande visibilidade social. De modo que hoje, após se encontrar em situação de rua, as pessoas que se encontram passando por essa situação na Praça do Ferreira, realmente “escolhem” este lugar como local para ficar. Às vezes são levadas por outros amigos que também se encontram em situação de rua, ou por segurança, ou por encontrar lá um local em potencial para conseguir algum tipo de meio de subsistência. Após passar por vários problemas sociais, como por dependência química ou de álcool, desavenças familiares, entre outros, vemos essas situações reforçadas pelo senso comum, taxando-os como vagabundos que não querem trabalhar, sendo esse tipo de atitude reforçada pela exclusão social. Em meio a tão grandes desajustes sociais vivenciados todos os dias, essas pessoas tem a Praça do Ferreira como um refúgio ou ao menos como local adaptável por força maior, pois não sendo local ideal para vida de nenhum cidadão do Brasil, esses cidadãos de deveres e de direitos, vêem que ainda há esperança para sua vida, e que ela começa enquanto mesmo sobrevivendo em estado de situação de rua, não vêem a Praça do Ferreira como “rua”, mas sim, onde sempre acolherá quem “a dela precisar”, transformando assim esse espaço que antes era utilizado para o glamour e para o comércio intelectual, passam a utilizá-lo como espaço em potencial de sobrevivência nas ruas.

Palavras-chave: Praça do Ferreira; Uso de drogas/álcool; Exclusão social; Pessoas em situação de rua.

ABSTRACT

This work, which is entitled: the center of the city of Fortaleza and the reality of people on the streets in Ferreira Square, it is a qualitative research where we have sought to understand that social and economic aspects cause the homelessness experienced by people focused on Ferreira Square. It also aims to identify the relationship of the streets with the abuse of licit and illicit drugs, the loss of family ties, social exclusion and report on the day -to-day experienced by people in this situation, the searched location. For this we used a literature search based on authors, research and studies that speak of the subject and a field research with interviews and observations , made with people who are currently in place searched in the streets. It appears that the abuse of drugs and / or alcohol actually have direct links in the cases studied in the streets. There is also an intrinsic connection of these two categories of analysis (abuse of drugs and / or alcohol and the loss of family ties) in two of the three entrvistados were the chemical dependency associated with the loss of family ties that resulted in homelessness experienced by people. The difficulties encountered in their daily lives are not, as pointed out by common sense, the fact of having to spend most of their time, and to sleep with his family, in the Square. For them, the site is more of a "mother's heart" because of the opportunity to meet there, power, being a place where it sells food on a large scale, formal and informal . It is also a place, according to them, safe and great social visibility. So today, after FIND on the street, people who are going through this situation in Ferreira Square, really "choose" this place as a place to stay. Ometimes they are taken by other friends who also are in the streets, or security, or find there a potential place to get some sort of livelihood. After going through various social problems such as chemical dependency or alcohol, family disagreements, among others, we see these situations reinforced by common sense, by taxing them as bums who do not want to work, and this kind of attitude reinforced by social exclusion. In the midst of such great social maladjustment experienced every day , these people have to Ferreira Square as a retreat or at least a local adaptive force majeure because it is not ideal for life of any citizen of Brazil, these citizens of duties and rights , see that there is hope for her life, and she begins as even surviving on the streets of the state , do not see the Ferreira Square as "street", but where always welcome who " her need " , thus transforming this space that was previously used for the glamor and intellectual trade , come to use it as a potential space for survival on the streets.

Keywords: Ferreira Square, drug/alcohol, social exclusion, people on the street.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CADÚNICO	Cadastro Único dos Programas Sociais
CEBRID	Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas
CENTROPOP	Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua
CF	Constituição Federal
CIT	Comissão Intergestores Tripartite
CNAS	Conselho Nacional de Assistência Social
CNMP	Conselho Nacional do Ministério Público
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CREAS	Conselho Regional de Assistência Social
GMF	Guarda Municipal de Fortaleza
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social
META	Instituto de Pesquisa e Opinião
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
NEAD	Núcleo Einstein de Álcool e Drogas
ONG	Organização Não Governamental
PAEFI	Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias E Indivíduos
PM	Polícia Militar
PNAS	Política Nacional de Assistência Social
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura

LISTA DE GRÁFICOS E FIGURAS

Gráfico 1	– Percentual de alunos frequentando o 9º ano do ensino fundamental que declararam ter usado drogas ilícitas alguma vez – 2012	16
Gráfico 2	– Porcentagem de dependentes de álcool e tabaco dividida por regiões	35
Gráfico 3	– Porcentagem na vida do consumo de álcool, tabaco e outras drogas divididas por regiões	36
Gráfico 4	– Porcentagem do uso de 8 tipos de substâncias entorpecentes diferentes com 530 adolescentes com idade entre 12 e 14 anos em 6 capitais brasileiras	37
Gráfico 5	– Motivos de saída de casa da população em situação de rua	42
Figura 1	– Territorialização ilustrativa da Praça do Ferreira	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 O CAMINHO METODOLÓGICO.....	24
2.1 Delimitações do estudo.....	26
2.2 A metodologia e o campo de pesquisa	27
3 PONTOS A SEREM ESTUDADOS SOBRE AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA	32
3.1 Álcool e drogas	34
3.2 Perda dos vínculos familiares e exclusão social	39
4 “CORAÇÃO DE MÃE”: Relatos da Pesquisa de Campo	47
4.1 Verônica.....	49
4.2 Pedro.....	51
4.3 Joana.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICES	65

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) no Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua. 2006, a prefeitura de Fortaleza não sabe quantas pessoas hoje vivem em situação de rua. O último diagnóstico feito há seis anos pelo Ministério contabilizou 1.701 pessoas acima de 18 anos vivendo nas ruas só da capital Cearense. Os dados são do Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (CentroPop), e apontam que são feitos de 35 a 55 novos cadastros de adultos por mês na instituição.

Com esses dados, suspeita-se que o número da população em situação de rua aumentou significativamente, basta olharmos pelas janelas dos ônibus, nas calçadas, nas praças, nas portas de nossas casas. Para o MDS, (2006) a definição de pessoas em situação de rua é:

Grupo populacional heterogêneo, caracterizado por sua condição de pobreza extrema, pela interrupção ou fragilidade dos vínculos familiares e pela falta de moradia convencional regular. São pessoas compelidas a habitar logradouros públicos (ruas, praças, cemitérios, etc.) e, ocasionalmente, utilizar abrigos e albergues para pernoitar.

O senso comum, muitas vezes, piora a situação por rotular a população em situação de rua como “perigosas” à segurança pública. Como aponta o sociólogo Zygmunt Bauman:

[...] As “classes perigosas” originais eram constituídas por gente ‘em excesso’, temporariamente excluída e ainda não reintegrada, que a aceleração do progresso econômico havia privado de ‘utilidade funcional’, e de quem a rápida pulverização das redes de vínculos retirava, ao mesmo tempo, qualquer proteção. As novas classes perigosas são, ao contrário, aquelas consideradas incapacitadas para a reintegração e classificadas como não assimiláveis, porque não saberiam se tornar úteis nem depois de uma “reabilitação” (BAUMAN, 2009, p. 22).

Descobrir ou entender o que gera a população em situação de rua no centro da cidade de Fortaleza, e assim quebrar este senso comum, leva-nos ao entendimento de que a pessoa em situação de rua é uma pessoa como qualquer outra que apenas sentiu mais esse avanço capitalista ou teve suas estruturas pessoais, familiares ou afetivas, fragilizadas por situações adversas causadas por algum tipo de vício, desemprego ou desastres ambientais conforme adiante apresentados em dados específicos. Na verdade, todos nós estamos sujeitos a situações como estas.

Levando em conta esta discriminação, podemos ver que a própria conjuntura a qual o Brasil foi colonizado, já contribuía para fortalecer a situação da maioria pobre e explorada pelos interesses capitalistas:

O fenômeno da exclusão tem raízes históricas ancestrais na sociedade brasileira referentes tanto ao período da colonização, na qual a relação colonizador-colonizado já trazia as marcas da discriminação, como ao processo de escravidão, ambos com a lógica de economia e de cidadania excludentes. A exclusão social no Brasil apresenta, pois, um caráter diferencial territorializado no "terceiro mundo" e presente em um segmento social específico como é a pobreza. "O padrão, estatuto e extensão dessa desigualdade é uma construção social e histórica, como também o é a noção de cidadania" (SPOSATI, 1999, p. 3). As pessoas em situação de rua se constituem como a expressão máxima desse processo de exclusão social. (ALCANTARA; FARIAS, 2015, p. 129-143).

Atuar no enfrentamento desta problemática pode ser uma forma de tentar atacar o problema na fonte. Como aponta Silva (2006), vários podem ser os fatores que motivam a situação de rua vivida por uma parcela significativa da população:

[...] pode-se dizer que o fenômeno população em situação de rua vincula-se à estrutura da sociedade capitalista e possui uma multiplicidade de fatores de natureza imediata que o determinam. Na contemporaneidade, constitui uma expressão radical da questão social, localiza-se nos grandes centros urbanos, sendo que as pessoas por ele atingidas são estigmatizadas e enfrentam o preconceito como marca do grau de dignidade e valor moral atribuído pela sociedade. É um fenômeno que tem características gerais, porém possui particularidades vinculadas ao território em que se manifesta. No Brasil, essas particularidades são bem definidas. Há uma tendência à naturalização do fenômeno, que no país se faz acompanhada da quase inexistência de dados e informações científicas sobre o mesmo e da inexistência de políticas públicas para enfrenta-lo.

Desse modo, faz-se mister um maior empenho em debruçar-se sobre o fenômeno para tentarmos chegar a possíveis maneiras não só de buscar melhorias para as políticas já existentes para atuação nesta situação, como também a criação de métodos, práticas, conscientização da população e novas e eficazes políticas para a tentativa de evitar possíveis conflitos que possam gerar a situação de rua não só na cidade mas no país.

Será mesmo que apenas com construções de conjuntos habitacionais o problema será resolvido? Questões relacionadas com o desemprego, vínculos familiares rompidos, a drogadição e rixas entre gangues são fatores que existem na sociedade mesmo em locais onde há moradia (cito aqui os conjuntos habitacionais como programa do governo).

Deste modo o problema da situação de rua vai muito além da falta de uma casa para morar, mesmo sabendo que a moradia é importante para a promoção da dignidade humana e

também um direito de todo cidadão e um dever dos governos, segundo a Constituição Federal, que estabelece, em seu Artigo 5º, a igualdade de todos os cidadãos brasileiros perante a lei e a inviolabilidade do direito à vida, a liberdade, à igualdade à segurança e à propriedade.

No artigo 6º, lê-se que “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

Será que antes de se encontrarem em situação de rua, a maioria dessas pessoas não tinha um lar para morar, uma família, uma profissão? Para conseguirmos minimizar esse tipo de problema na cidade de Fortaleza, as autoridades competentes não deveriam estudar uma forma de inclusão ou resgate que visasse além de prevenir, mas superar esta realidade?

Ainda segundo a pesquisa já citada do MDS (2006), “Os principais motivos pelos quais essas pessoas passaram a viver e morar na rua se referem aos problemas de alcoolismo e/ou drogas (35,5%); desemprego (29,8%) e desavenças com pai/mãe/irmãos (29,1%)”. Dos entrevistados no censo, 71,3% citaram pelo menos um desses três motivos (que podem estar correlacionados entre si ou ser consequência do outro).

O estudo afirma um dado importante sobre a adolescência, como uma fase da vida em que a pessoa está se descobrindo e tomando consciência daquilo que há em seu redor, que são coisas que irão compor sua forma de agir, o adolescente pode ter influenciadas suas ações à medida que para participar de um grupo, a droga seja como aquilo que todos do grupo têm em comum, assim o adolescente fica sujeito a experimentar a droga que, não poucas vezes, acaba gerando no adolescente aquela dependência que é tratada neste estudo como um fator em potencial que pode gerar a situação de rua, em todo país, inclusive na cidade de Fortaleza.

Antes mesmo de ir para a situação de rua, a pessoa pode começar a se identificar com outras pessoas pela condição de uso de drogas, porém, na pessoa que já se encontra nessa situação, essa identificação já parece ser bastante evidente, como aponta o estudo a seguir.

Vejamos o que diz o estudo:

Com base em muitas das histórias narradas durante o trabalho de campo, percebemos que dentro das teias de relações e significados inerentes ao mundo desses *outsiders* (BECKER, 2008) o uso de drogas pode ser visto como algo que faz parte do circuito das ruas, compondo um fator possível de identificação para pessoas que compartilham essa condição. Nisso, conforme aludido por Adorno (1997/1998), o uso de *crack* e outras substâncias pode ser entendido como uma das atividades inerentes a esse circuito, tornando-se um elemento “identitário” da vivência no espaço da rua (RAUPP, ADORNO, 2011, p. 52-67).

Destarte, o estudo aponta ainda que a família é de fundamental importância para prevenir ou remediar essa situação, sendo ela um apoio que orienta, acolhe e supre as faltas que o adolescente pode ter nesta fase de sua vida, que o leva a querer conhecer ou ser conhecido, na sociedade. Assim como a comunidade em que vive a criança ou o adolescente interfere positiva ou negativamente, porém diretamente na formação social em que este está inserido. É preciso salientar também, como setor que compõe a comunidade, a escola que a criança ou adolescente frequenta, formando assim a rede de laços onde será formada a construção pessoal e social do mesmo.

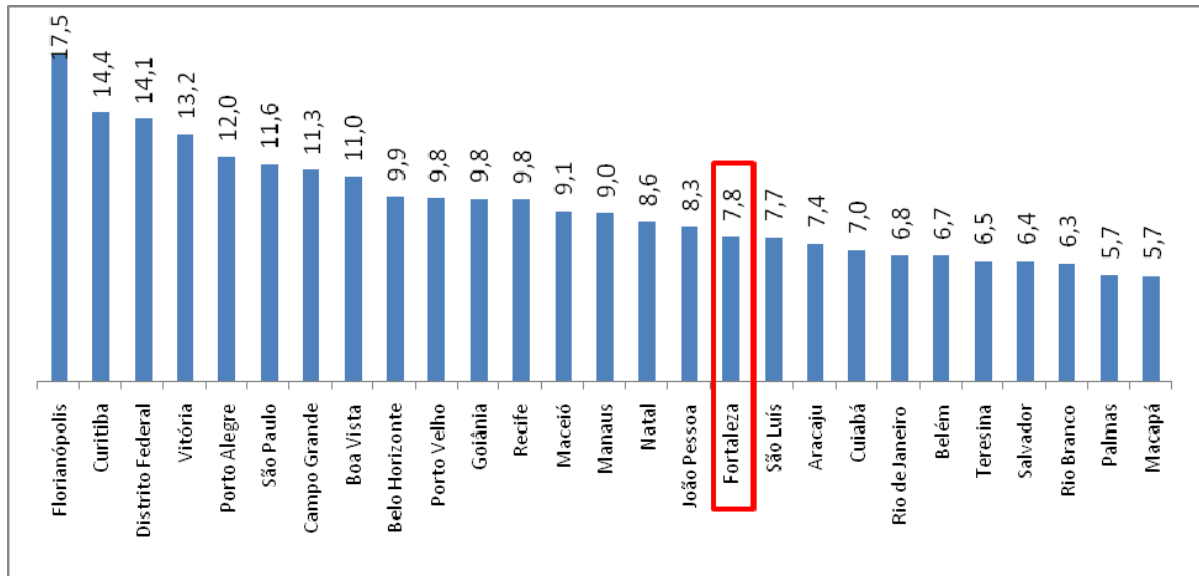
O estudo diz o seguinte:

O natural interesse por essa faixa etária, porém, se estende além das questões de representatividade demográfica. A adolescência caracteriza-se, enquanto passagem da infância para a idade adulta, por transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais. Adicionalmente, estando os adolescentes vivendo uma fase especial do desenvolvimento da identidade e da afirmação de sua autonomia, é natural que eles redefinam suas relações sociais e, especialmente, suas opções de vida. As mudanças na estrutura de escolhas, por sua vez, determinam maiores riscos a essas pessoas, por causa da exposição a diversos fatores comportamentais, como o uso de drogas ilícitas¹. Nessa direção, apesar de ainda não se conhecer algum fator que, isoladamente, seja o determinante do uso, abuso ou dependência de drogas, a literatura científica da área aponta que os fatores estão relacionados ao indivíduo, à família, aos pares, à comunidade e à escola (IPECE, 2012 - nº 74, fev. 2014).

Falando só do problema da droga na adolescência/juventude, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que existam 33,8 milhões de adolescentes no País (17,2% da população brasileira), dos quais 1,68 milhões vivem no Ceará (19,1% da população do Estado). Segundo o instituto, “7,8% dos estudantes de todo o Brasil frequentando o 9º ano do ensino fundamental que declararam ter usado drogas ilícitas alguma vez em 2012 são de Fortaleza”.

Vejamos o gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Percentual de alunos frequentando o 9º ano do ensino fundamental que declararam ter usado drogas ilícitas alguma vez (2012)



Fonte: Pesquisa PENSE, IBGE - 2012.

Os dados da pesquisa do MDS e do IBGE mostram que a juventude é uma parcela da sociedade que infelizmente está bastante sujeita a problemas que decorrem do vício e uso de entorpecentes. Talvez, por ser um local em que acolhem jovens, crianças e adolescentes, as escolas devem ser um dos locais de maior atenção por parte das políticas públicas que merecem toda a atenção do Estado. Vemos que o uso de drogas é um forte causador de desajustes familiares que contribuem, entre outros aspectos, para a situação de rua hoje em nosso país.

Nesse contexto, talvez pudesse haver um investimento maior em medidas educativas e campanhas informativas nas escolas, melhores políticas públicas de enfrentamento que envolvam o estudante em sua elaboração e execução seja uma das medidas que possam levar a precaução de problemas associados às drogas na adolescência/juventude e outros problemas decorrentes dele, como a desestruturação familiar e a situação de rua.

É claro que muitas outras ações poderiam e deveriam ser elaboradas, utilizando como uma boa ferramenta para essa elaboração, os dados e experiência vivenciadas por voluntários, associações, ONGs, movimentos, (já que esse tipo de trabalho voluntário é uma forte ferramenta na luta contra a situação de rua na cidade) que lidam com esse tipo de problema diariamente, levando em conta que, além da droga, muitos outros agravantes levam a população se encontrar em situação de rua.

Nos trabalhos realizados por essas ONGs podemos identificar o termo População em situação de rua, ou pessoas em situação de rua que é usualmente utilizado para se referir a essa parcela da sociedade:

Nessa pesquisa será utilizado o termo “População em Situação de Rua”, adotado pelo Movimento Nacional da População em Situação de Rua, que é um movimento social composto por pessoas que vivem ou viveram em situação de rua (REIS, 2011 p. 33) e pela Pastoral do Povo de Rua, que é uma ONG (Organizações Não Governamentais) vinculada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) (OGG, 2014, p. 19)

Sendo assim, propõe-se um trabalho de pesquisa que possa responder à seguinte indagação: que aspectos socioeconômicos ocasionam a situação de rua vivenciada pelas pessoas concentradas nos seus centros urbanos, em especial, na Praça do Ferreira?

Para tentar interferir positivamente na questão das pessoas em situação de rua e reverter seu quadro de vulnerabilidade, em 2009 o Poder Executivo Federal editou o Decreto nº 7.053, instituindo a Política Nacional para a População em Situação de Rua (CNMP, 2015).

Segundo o Decreto Federal nº 7.053/2009, em seu art. 1º, o conceito jurídico de população em situação de rua é:

Art. 1.º Fica instituída a Política Nacional para a População em Situação de Rua, a ser implementada de acordo com os princípios, diretrizes e objetivos previstos neste Decreto.

Parágrafo único. Para fins deste Decreto, considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.

Essa noção, ainda em construção, procura contemplar os diferentes recortes conceituais adotados em pesquisas censitárias realizadas a partir de 1995, que buscaram traçar o perfil dessa população e apontaram, no conjunto de seus resultados, a inexistência de um bloco homogêneo de pessoas em situação de rua.

Ao presenciar algumas situações de abandono ou de rua, por já ter participado de alguns movimentos voluntários que lidam com esses problemas, para ser mais específico em pastorais sociais na paróquia São Pedro, na Barra do Ceará, localidade em que moro, mas também em outras regiões, ou em Organizações Não Governamentais que lidam com a temática aqui abordada, portou-me o desejo de um aprofundamento sobre o problema em análise a fim de poder conhecer melhor o problema.

Um estudo realizado em Abril de 2008 pelo Instituto Meta, em um acordo assinado entre a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO) e o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) em 2008, mostra que:

Foram identificadas 31.922 pessoas em situação de rua nas cidades pesquisadas pelo estudo, vivendo em calçadas, praças, rodovias, parques, viadutos, postos de gasolina, praias, barcos, túneis, depósitos e prédios abandonados, becos, lixões, ferro-velho ou pernoitando em instituições (albergues, abrigos, casas de passagem e de apoio e igrejas). O número relatado diz respeito aos resultados da pesquisa realizada em 71 municípios, incluindo Fortaleza. Assim o total de pessoas em situação de rua vivendo esta realidade no Brasil é mais elevado.

O presente estudo apresenta relevância social e profissional, pois proporciona dados que podem ser úteis nos campos da Sociologia e Antropologia, por exemplo, além de poder nos levar a uma autoindagação sobre o que podemos fazer em vista de responder a essa realidade sob o ponto de vista prático. Uma pesquisa mais aprofundada em nível municipal pode contribuir para encontrar melhores soluções ou ao menos respostas para tal fenômeno.

Levando em conta essa complexidade a própria Política Nacional para as pessoas em situação de rua, segundo consta do art. 6º do Decreto n. 7.053, tem como proposta para se chegar a dar uma resposta à altura de toda essa problemática, as seguintes diretrizes:

[...] III - articulação das políticas públicas federais, estaduais, municipais e do Distrito Federal;

IV - integração das políticas públicas em cada nível de governo;

V - integração dos esforços do poder público e da sociedade civil para sua execução;

VI - participação da sociedade civil, por meio de entidades, fóruns e organizações da população em situação de rua, na elaboração, acompanhamento e monitoramento das políticas públicas;

VII - incentivo e apoio à organização da população em situação de rua e à sua participação nas diversas instâncias de formulação, controle social, monitoramento e avaliação das políticas públicas.

A Comissão Intergestores Tripartite (CIT) definiu, em sua 124ª reunião, [...] “Pacto de Aprimoramento do SUAS” para o quadriênio 2014/2017 (NOBSUAS/2012, art. 23), no qual se materializam metas e prioridades, no âmbito do SUAS, e se constitui em mecanismo de indução de aprimoramento da gestão, serviços, programas, projetos e benefícios socioassistenciais.

A importância desse documento para a atuação do MP reside em sua capacidade persuasiva na argumentação da obrigatoriedade do município em implementar equipamentos, serviços e benefícios previstos na legislação assistencial.

Trata-se de acordo firmado pelos representantes dos municípios de diferentes portes populacionais e regiões do País, que pactuaram metas e prioridades com as representações dos gestores estaduais e federal.

Percebe-se que a efetivação da prestação dos serviços de assistência social é uma imposição constitucional ao administrador. Soma-se a isso, agora, a manifestação espontânea dos gestores da assistência social em implementar os serviços.

Será mostrado no quadro a seguir a prioridade e a meta que foi traçada a partir deste documento para a proteção social especial para a população em situação de rua.

Sobre as metas e prioridades sobre o tema, o resultado da reunião dessa comissão da CIT, foi o que diz no quadro seguinte:

PROTEÇÃO SOCIAL ESPECIAL	
PRIORIDADE	META
c) Cadastramento das pessoas em situação de rua no Cadastro Único dos Programas Sociais (CadÚnico).	Identificar e cadastrar no CadÚnico 70% das pessoas em situação de rua em acompanhamento pelo Serviço Especializado ofertado no Centro-POP. Implantar 100% dos Serviços para população de rua (Serviço Especializado para Pop Rua, Serviço de Abordagem Social e Serviço de Acolhimento para pessoa em situação de rua) nos municípios com mais de 100 mil habitantes e municípios de regiões metropolitanas com 50 mil ou mais, conforme pactuação na CIT e deliberação do CNAS.

Fonte: CNMP - Guia de Atuação Ministerial: defesa dos direitos das pessoas em situação de rua. (Biblioteca CNMP - Brasília, 2015).

O objetivo da assistência social deve ser exatamente, o de verificar na conjuntura contemporânea, pesquisas e observações que identifiquem novas formas de manifestação da questão social, e dessa forma, ajudar na produção de material teórico que ajude na elaboração de métodos para a promoção da dignidade dos cidadãos, inclusive dos cidadãos em situação de rua, no enfrentamento dessa questão social, e da melhor forma possível, na viabilização de direitos.

O art. 203 da CF dispõe que a assistência social será efetivada por meio de políticas públicas de promoção da cidadania e será prestada a todos os que dela necessitarem, especificando cinco objetivos referentes à garantia de direitos essenciais:

Art. 203. A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos:
I - a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice;
II - o amparo às crianças e adolescentes carentes;
III - a promoção da integração ao mercado de trabalho;
IV - a habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária;

V - a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover à própria manutenção ou de tê-la provida por sua família, conforme dispuser a lei.

Tanto é assim que o art. 2º da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), com redação nova dada pela Lei n. 12.435/2011, amplia consideravelmente esses objetivos:

Art. 2º A assistência social tem por objetivos:

I - a proteção social, que visa à garantia da vida, à redução de danos e à prevenção da incidência de riscos, especialmente:

a) a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice;

b) o amparo às crianças e aos adolescentes carentes;

c) a promoção da integração ao mercado de trabalho;

d) a habilitação e reabilitação das pessoas com deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária; e

e) a garantia de 1 (um) salário-mínimo de benefício mensal à pessoa com deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provida por sua família;

II - a vigilância socioassistencial, que visa a analisar territorialmente a capacidade protetiva das famílias e nela a ocorrência de vulnerabilidades, de ameaças, de vitimizações e danos;

III - a defesa de direitos, que visa a garantir o pleno acesso aos direitos no conjunto das provisões socioassistenciais.

Parágrafo único. Para o enfrentamento da pobreza, a assistência social realiza-se de forma integrada às políticas setoriais, garantindo mínimos sociais e provimento de condições para atender contingências sociais e promovendo a universalização dos direitos sociais.

A disciplina de pesquisa em serviço social contribuiu bastante para iluminar o caminho da investigação para melhor compreensão dessa temática desejando, quem sabe futuramente, servir de apontamento que possa ajudar na solução do problema, mas também, identificar os aspectos causadores do problema, que desembocam no fenômeno da situação de rua.

Para auxiliar nesta busca, podemos direcionar nosso olhar para alguns aspectos importantes que podem esclarecer e de forma mais dinâmica, os objetivos desta pesquisa.

Embasando nossa pesquisa em um material teórico que nos apresente indagações e afirmações sobre o tema, podemos pautar esta pesquisa em um objetivo geral, onde queremos saber que aspectos sociais e econômicos ocasionam a situação de rua vivenciada pelas pessoas concentradas na Praça do Ferreira.

Tal interrogação tem como objetivo identificar alguns elementos que podem desconstruir uma imagem talvez preconceituosa da população que se encontra em situação de rua, preconceito esse que é reproduzido em nossa sociedade e que nada acrescenta para uma reflexão crítica do assunto. Reflexão essa que poderia derrubar muitas barreiras que impedem a ascensão social dessas pessoas, e assim, ajudá-las a melhorar sua condição de vida

dando-lhes a oportunidade primeiramente de se reconhecer como pessoa digna de direitos e com uma oportunidade nova e talvez única de reerguer-se.

Ter um olhar que leve em conta a universalidade, alargando a visão de forma totalitária para a situação de rua em que uma pessoa se encontra, pode realmente nos dar uma maior noção da história de vida daquela pessoa, quando tratamos a sua particularidade. Sem levarmos isso em conta, não teremos condições de fazer uma análise crítica séria da situação daquela pessoa.

Verificar a conjuntura de como se origina ou pode contribuir para o fenômeno da situação de rua no centro da cidade de Fortaleza, é de fundamental importância para chegarmos a ter condições de apontar claros fatores que podem contribuir negativamente para originar a situação de rua em nossa cidade, ou na fiscalização de políticas públicas essenciais que não estão sendo devidamente aplicadas, ou quando há omissão por parte do poder público, ou ainda, ajudar na criação dessas políticas a partir das necessidades existentes a partir da reflexão a que vamos nos debruçar.

Achamos de relevante importância também, investigar a relação do uso de drogas na adolescência/juventude e as pessoas em situação de rua no centro da cidade de Fortaleza já que o problema da droga em pessoas nessa situação é grande. Queremos saber se o uso e/ou a dependência dessas substâncias ilícitas, como também as lícitas como o álcool, ocorreu antes, durante ou depois de a pessoa se encontrar nessa situação.

O uso e a dependência dessas substâncias são bastante comuns entre as pessoas em situação de rua, e seu uso aparentemente traz certa sensação de comodismo, onde vemos diariamente adultos, jovens e até crianças em situação de rua, sob efeito de entorpecentes. Queremos verificar se o uso dessas drogas se dá para aliviar a dureza das ruas, por conta do vício ou por influencia do grupo a que estas pessoas se inserem involuntariamente.

Apontar a existência da possível ligação entre a perda dos vínculos familiares e as pessoas em situação de rua no centro da cidade também será um interesse nosso ao realizar este estudo. Neste tópico, investigaremos até que ponto a perda dos vínculos familiares interfere na estrutura moral, emocional e social de uma pessoa até o ponto em que esta se vê sem apoio, e vive situações que acabam por desencadear a situação de rua em sua vida.

Assim como nas drogas, analisamos se há ou não perda desses vínculos familiares, e se não, em que estado foram perdidos estes vínculos: se antes, durante ou depois de a pessoa se encontrar nessa situação. Veremos neste ponto uma possível correlação entre as drogas e a perda dos vínculos familiares, serão dois pontos que serão abordados quase que interligados e tentaremos identificar se há ou não a real existência da ligação entre esses dois pontos.

Descrever as condições de vida, o dia-a-dia e a exclusão social enfrentados pelas pessoas que se encontram nessa situação no local pesquisado, será um tópico também abordado nesta pesquisa.

Os próximos capítulos tratam-se do caminho metodológico, referencial teórico, que me baseei para realizar este estudo e a pesquisa de campo, que foi feita por meio de entrevista semiestruturada com três pessoas em situação de rua, na Praça do Ferreira.

. Para o referencial teórico, são autores, pesquisas, estudos e artigos que mostram a necessidade de se buscar interesse pelo tema escolhido, e que mostram relevância social no que refere às pessoas em situação de rua em nossa cidade.

Fiz também uma breve apresentação da Praça do Ferreira, local escolhido como campo de pesquisa para este trabalho devido a grande concentração de pessoas vivendo hoje nessa situação.

No capítulo 3, trago as três categorias de análise que busquei estudar e definir enquanto fator em potencial para contribuir para a ida para as ruas, na construção deste trabalho. São elas: o uso abusivo de drogas ou álcool, a perda dos vínculos familiares e a exclusão social.

Depois, no capítulo 4, vem a pesquisa de campo propriamente dita, onde a ida para o campo de pesquisa traz uma maior proximidade com o objeto de estudo, que são as próprias pessoas em situação de rua. Este instrumento das técnicas de pesquisa nos traz uma gama de informações necessária para o bom desempenho do trabalho.

Após nos debruçarmos sobre a pesquisa de campo, vêm as considerações finais, onde busco com todas as informações contidas neste trabalho de conclusão de curso, mostrar os resultados obtidos pela pesquisa de campo, o que se confirma, o que se desmistifica, e o que não se confirma nas categorias de análise e do tema pesquisado.

Busco com os esta introdução e com os capítulos a seguir, ao menos corresponder aos objetivos deste trabalho de conclusão de curso.

2 O CAMINHO METODOLÓGICO

A pesquisa de campo foi feita com a aplicação da entrevista aberta que foi realizada com três pessoas vivendo a situação de rua, no campo escolhido para a pesquisa, onde tentamos obter uma conversa leve, deixando o entrevistado a vontade para responder se quiser, levando em conta que o bom êxito, o sucesso alcançado por essa pesquisa dependeu bastante da colaboração das pessoas que todos os dias enfrentam essa realidade.

A pesquisa tem o objetivo de voltar o olhar para a população que vive em situação de rua no centro da cidade de Fortaleza. Com uma pesquisa de campo, que segundo Gil 2008, p.53: Procura o aprofundamento de uma realidade específica. É basicamente realizada por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar as explicações e interpretações do ocorrem naquela realidade.

Considera-se esse tipo de pesquisa essencial para o tema abordado, esperamos chegar mais próximo da realidade do assunto. A pesquisa será feita no Centro da cidade de Fortaleza, com ênfase na Praça do Ferreira, local de grande concentração desta população.

A pesquisa qualitativa que segundo Minayo (1994, p. 21): “responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Faz-se indispensável para a elaboração deste projeto, visto a importância da participação direta das pessoas que serão pesquisadas.

Vemos também a importância das pesquisas de campo e coleta de dados, que ainda como diz a autora: É acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objetivo (MINAYO, 1992, p. 57).

Tivemos neste estudo o apoio teórico dos dados do Centro-POP. O Guia de Atuação Ministerial, produzido pelo Conselho Nacional do Ministério Público em 2015, caracteriza assim esse serviço:

O Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro-POP), previsto no Decreto n. 7.053/2009 e na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, constitui-se em unidade de referência da Proteção Social Especial de Média Complexidade, de natureza pública e estatal. Diferentemente do CREAS, que atua com diversos públicos e oferta, obrigatoriamente, o PAEFI, o Centro-POP volta-se, especificamente, para o

atendimento especializado às pessoas em situação de rua, devendo ofertar o Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua.

O Centro-POP caracteriza-se por ser equipamento de porta aberta, representando espaço de referência para o convívio grupal, social e para o desenvolvimento de relações de solidariedade, afetividade e respeito, devendo funcionar em dias úteis, com possibilidade de funcionar em feriados, fins de semana e período noturno, com período mínimo de cinco dias por semana e oito horas diárias. Tem a finalidade de assegurar atendimento e atividades direcionadas para o desenvolvimento de sociabilidades, na perspectiva de fortalecimento de vínculos interpessoais e/ou familiares que oportunizem a construção de novos projetos de vida.

O serviço ocorre por meio de trabalho técnico para a análise das demandas dos usuários, orientação individual e grupal e encaminhamentos a outros serviços socioassistenciais e das demais políticas públicas que possam contribuir na construção da autonomia, da inserção social e da proteção às situações de violência. Deve promover o acesso a espaços de guarda de pertences, de higiene pessoal, de alimentação e provisão de documentação civil, inscrição no Cadastro Único dos Programas Sociais, além de ser a referência do usuário quando este necessitar comprovar endereço para os mais diversos fins. Nesse serviço deve-se realizar a alimentação de sistema de registro dos dados de pessoas em situação de rua, permitindo a localização da/pela família, parentes e pessoas de referência, assim como melhor acompanhamento do trabalho social.

Segundo o Guia de Atuação Ministerial: “No âmbito do monitoramento e acompanhamento dos serviços oferecidos às pessoas em situação de rua, sugere-se aos membros dos Ministérios Públicos da União e dos Estados-membros”.

No seu VIII ponto dos direitos econômicos e sociais, das diretrizes de atuação:

VIII - A garantia de implantação dos Centros-POP para os municípios com mais de 300.000 habitantes com pessoas em situação de rua, conforme Portaria MDS n. 381, de 12 de dezembro de 2006, com o devido cumprimento das recomendações técnicas sobre o tema editadas pelo MDS no caderno de “Orientações Técnicas: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – Centro-POP” (SUAS e População em Situação de Rua, 2011).

É possível verificar, como veremos a seguir, um número significativo de pessoas que procuram o Centro-POP todos os dias, identificar as situações vividas por essas pessoas que vivem em situação de rua no centro da cidade de Fortaleza. Levando em conta as pessoas que não procuram o centro, podemos ver que a situação de rua no centro da cidade é de forma latente, uma manifestação da questão social que merece uma atenção urgente, de forma que o mais rápido possível se apresente formas para combater essa real e crescente violação dos direitos humanos.

De acordo com a instituição, são feitos de 35 a 55 novos cadastros de adultos por mês na instituição.

2.1 Delimitações do estudo

Será utilizado e terá também um papel importante na construção desta pesquisa, tanto para embasamento teórico tanto para nosso aperfeiçoamento pessoal, nos colocando como aspirantes a pesquisadores e alunos dos autores que aqui foram estudados, lidos e citados, o método da pesquisa exploratória, que segundo Gil (2008, p. 41) tem o objetivo de “Proporcionar maior familiaridade com o problema (explicitá-lo). Pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso”.

Assim também como, diz o mesmo autor: a “Pesquisa Explicativa: identifica os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. É o tipo que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”.

Procuramos usar técnicas de pesquisa como a entrevista aberta com em três pessoas (considerado número suficiente por se tratar de uma pesquisa qualitativa) em situação de rua encontradas no próprio universo em que se deu a pesquisa de campo, ou seja, na Praça do Ferreira nos dias marcados de acordo com o cronograma, as pessoas foram abordadas e convidadas a colaborar com a pesquisa de forma direta, dependendo da própria vontade. Foram respeitados todos os procedimentos em que se tratam os aspectos éticos de pesquisa, atendimento à resolução CNS 466/12 (BRASIL, 2012).

Portanto, acredito que o método da pesquisa de campo e entrevista foi de fato a melhor maneira para ter a capacidade de interpretar a dinâmica envolvida na realidade do problema abordado nesse projeto.

O contato com os participantes se deu de forma direta, o assunto da pesquisa foi introduzido no diálogo onde os mesmos foram esclarecidos sobre a finalidade da entrevista e foram explicados os itens obrigatórios para solicitação/convite à participação em uma pesquisa: objetivo do estudo, metodologia da pesquisa, importância do trabalho, benefícios, riscos, forma de participação, não remuneração quanto à participação na pesquisa em nenhuma espécie.

Foi observada a questão do sigilo das informações coletadas sendo estas utilizadas para fins estritamente científicos, e ao anonimato dos sujeitos participantes, conforme os aspectos éticos da pesquisa, atendendo à resolução CNS 466/12 (BRASIL, 2012).

Assim esperamos com a pesquisa chegar a uma compreensão o mais realista possível dos aspectos sociais e econômicos que influenciam para a situação de rua das pessoas quem se

encontram no centro da cidade de Fortaleza, em especial na Praça do Ferreira, e o seu dia-a-dia.

Por isso, com o auxílio do material teórico a nós apresentado, o melhor método que se aplica a lógica da minha investigação é mesmo o método da pesquisa de campo e entrevista qualificada que Gil (1999, p. 117) conceitua como “uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação” na pesquisa qualitativa. Pois assim tentarei adotar uma pesquisa que irá tentar perceber ou chegar mais próximo disto, a situação vivida hoje pelas pessoas nesta situação.

2.2 A metodologia e o campo de pesquisa

A visita ao centro de Fortaleza é rotineira para muitos cidadãos, seja para fazer compras, realizar trabalhos, por simples passagem quando em uma rota cotidiana ou mesmo na ociosidade de algumas pessoas que não encontram um lugar “melhor” para passar o tempo.

Todos os fortalezenses, provavelmente, em algum momento da vida, já devem ter ido ao centro da cidade ou ainda devem ir. A Praça do Ferreira, como espaço público deve ser analisada sob um olhar que leve em conta todo seu contexto social, o que nela existe, o que acontece, o que ela representa. Entender essa dinâmica pode fazer todo um sentido no estudo do fenômeno das pessoas que estão em situação de rua atualmente naquele local. Gomes (2002, p. 172) diz o seguinte:

Um olhar geográfico sobre o espaço público deve considerar, por um lado, sua configuração física e, por outro, o tipo de práticas e dinâmicas sociais que aí se desenvolvem. É justamente sob esse ângulo que a noção de espaço público pode vir a se constituir em uma categoria de análise geográfica. Aliás, essa parece ser a única maneira de se estabelecer uma relação direta entre a condição de cidadania e o espaço público, ou seja, sua configuração física, seus usos e sua vivência efetiva.

Além de ser um ponto comercial central da cidade, como geralmente acontece nas grandes cidades, o centro de Fortaleza serve também, sem dúvida, de alguma esperança para pessoas em situação de rua conseguir algum alimento, abrigo, ou simplesmente onde há maior probabilidade para ser visto, e assim, ganhar talvez a atenção de alguém.

Assim, trazendo à tona a realidade de Fortaleza, para quem conhece a história da cidade e costuma passar pela área central, é possível observar a multiplicidade do uso dos espaços públicos, ou seja, a distinta apropriação dos mesmos pela população e, de modo especial, a de menor poder aquisitivo, que desenvolve,

predominantemente, entre outras atividades, a prática do comércio informal. Para esse segmento social, as praças exercem, principalmente, o sentido de local de sobrevivência, tornando-se ponto estratégico, pois se constituem em espaços de grande dinâmica no contexto da cidade. Tal fato é bastante comum nas cidades brasileiras, nas quais as desigualdades socioeconômicas são nítidas e especializadas no tecido urbano, resultando assim num processo de diferenciação e exclusão socioespacial (SILVA, 2006, p. 27).

Ao longo dos anos o centro da cidade tornou-se um ponto comercial, e com a Praça do Ferreira não foi diferente, o que antes era uma opção de passeio, agora é local escolhido para o comércio, com implantação de lojas, vendedores ambulantes e também de restaurantes e outras formas formais ou não de vender comida. Segundo Villaça (apud SILVA, 2006, p. 80):

Ao analisar o intraurbano 1 no Brasil, Villaça (1998) considera que uma das mais profundas transformações estruturais das cidades está ligada à tendência das pessoas de classe social mais alta ao distanciamento do Centro. Dessa forma, o centro principal passou a ser ocupado pelo comércio e serviços destinados ao atendimento das camadas populares.

No caso de Fortaleza, alguns fatores são apontados para justificar a perda das funções tradicionais daquele bairro. Além da função residencial, que foi direcionada, de grande parte da sua extensão, para outras áreas da cidade, outro fator veio a ocorrer a partir da segunda metade do século XX: a valorização do litoral pelos poderes públicos (municipal e estadual) e também pela iniciativa privada. Atividades, como o lazer, entre outras, passaram a se concentrar na área litorânea. Outras, como as comerciais e de serviços foram se estabelecendo pelos novos bairros.

O universo pesquisado será o centro da cidade de Fortaleza, mais especificamente nos entornos da Praça do Ferreira, entre as ruas Floriano Peixoto, Dr. Pedro Borges e Travessa Pará.

Ali, passou a concentrar-se uma grande quantidade de comerciantes, provocando o deslocamento dos compradores e vendedores da Praça da Sé, localização anterior daquela feira e que era considerada a área central da cidade. Em 1843, na gestão do Presidente da Câmara³² Antônio Rodrigues Ferreira (1843-1859) instituiu-se oficialmente o espaço compreendido entre as ruas Major Facundo e Floriano Peixoto, como uma praça e esta veio a ser um marco na história da cidade³³. Paulatinamente, a Praça passou a vivenciar os movimentos culturais mais significativos da cidade, fossem de ordem intelectual ou popular, acompanhando e sofrendo, em si mesma, na medida em que se expandia a Cidade, as transformações de Fortaleza (SILVA, 2006, p. 91).

Várias foram as transformações que marcaram os limites da Praça, sendo a modelagem do local como a modelagem de outras partes do mundo como inspiração:

Nesse processo de remodelação, a cidade de Fortaleza elegeu como espelho da modernidade, a cidade de Paris, considerada a mais bela do século XIX. Assim, além da incorporação do estilo arquitetônico, a cultura europeia também foi absorvida no cotidiano dos fortalezenses. Desta forma, “não foi à toa que na década

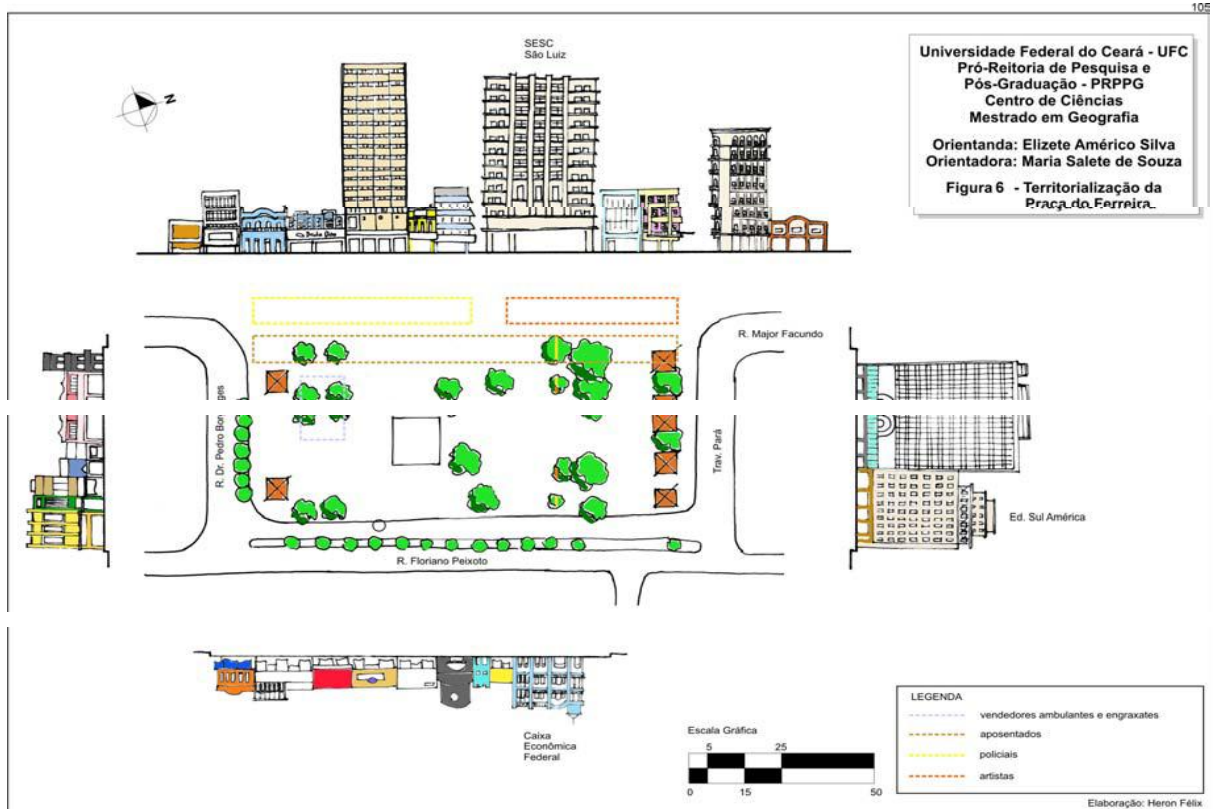
de 80 quatro elegantes cafés, em estilo *chalet* francês surgiram nos quatro cantos da praça do Ferreira. Tinha que ser lá, a praça era o principal logradouro desde a primeira metade do século XIX. Em seu entorno estavam os principais estabelecimentos comerciais, repartições públicas e o ponto de partida e chegada dos bondes” (PONTE, 2004, p. 171).

O Café Elegante ficava na esquina sudeste (rua Pedro Borges com Floriano Peixoto), o Iracema na esquina sudoeste (rua Pedro Borges com Major Facundo), o do Comércio, na esquina noroeste (rua Major Facundo com Guilherme Rocha) e o Java, na esquina nordeste (rua Guilherme Rocha com Floriano Peixoto). Como exemplo dos cafés parisienses, constituíam-se *locus* agregador de políticos, intelectuais e boêmios que discutiam temas políticos, literários e do cotidiano (SILVA, 2006, p. 91-92).

Dessa forma, podemos ver que a Praça do Ferreira, por ser um espaço central da cidade, foi palco de transformações que delimitaram seu território por interesses que visavam justamente seu crescimento econômico, social, mas também intelectual da cidade. Foi justamente nesses cafés, mais especificamente no “Café Java, o primeiro a ser construído e o predileto da maioria dos intelectuais, onde nasceu o movimento literário mais importante da capital, idealizado por Antônio Sales, a Padaria Espiritual (1892-1898)” (SILVA, 2006, p. 91).

A seguir, uma demonstração ilustrativa dos entornos da Praça do Ferreira:

Figura 1: Territorialização ilustrativa da Praça do Ferreira



Fonte: Silva (2006, p. 113).

Foi escolhida a Praça do Ferreira como universo desta pesquisa por se tratar de um importante ponto da cidade e por concentrar uma significativa parcela da população em situação de rua atualmente. Casé diz que:

Estes espaços públicos não se reduzem apenas como um local para discussão e troca de informações, para além dessa característica os mesmos resguardam o valor simbólico e de concentração social. A praça perdeu seu poder de ser informativa, mas manteve seu poder aglutinador (CASÉ, 2000, p. 63).

Como diz o autor, a praça mantém seu poder de concentrar pessoas e grupos, verificando também a concentração de grupos de pessoas em situação de rua urge verificar quem é e quais são os motivos que contribuem para tal situação atualmente naquele local.

É difícil dizer quando se deu o surgimento preciso da Praça do Ferreira, pois como diz Silva:

Isto porque que, antes da construção e efetivação daquele espaço público, o local era permeado pelo ajuntamento de pessoas que frequentavam a Botica do Ferreira, a mais importante da cidade, no início do século XIX, além, é óbvio, da atividade comercial da própria Feira Nova, função primeira aquele espaço, como sendo público e que lhe emprestou o primeiro nome (SILVA, 2006, p. 90).

Até se tornar o que é hoje, a Praça do Ferreira passou por várias transformações: “Várias foram essas transformações, como dito anteriormente e acompanharam as mudanças de governo e seus interesses, em geral”. O “processo de remodelação sócio urbana de Fortaleza”. Silva (2006) “intensificou-se a partir das décadas de 1880 e 1890, época de instauração do regime republicano no Brasil (1889). O novo regime e o novo século que se avizinhava reforçaram os anseios dominantes em alinhar o País ao progresso e à modernidade” (PONTES, 2004, p. 179).

A partir dos primeiros anos de 1960:

Antes lugar hegemônico de sociabilidade da população, entra em declínio e, gradativamente, perde sua importância como elemento polarizador do lazer dos vários segmentos sociais, os quais, apesar de suas diferenças, podiam usufruir, ainda que de maneira segregada, o mesmo espaço urbano (PONTES, 2005, p. 78).

Diz Silva (2006):

Com a diminuição considerável da função habitacional e sem mais o interesse das classes mais abastadas como seu local de consumo, trabalho e lazer, o Centro, aos poucos, foi-se degradando, transformando-se em área de comércio para os consumidores pobres [...]. Vale ressaltar, que as reformas nos espaços públicos é uma realidade brasileira em razão das mudanças ocorridas, ao longo do tempo, na história das cidades (SILVA, 2006, p. 104).

A Praça do Ferreira é hoje um dos locais mais frequentados de Fortaleza, não muito diferente da função que a ela foi identificada em algum tempo atrás, porém, embora seus frequentadores tenham encontrado vários modos diferentes para aproveitar a visibilidade da praça, essa vem se definindo cada vez mais como sendo um local público, no sentido mais amplo da palavra:

Dentre as atividades realizadas e contempladas na Praça do Ferreira pudesse destacar os shows e eventos políticos, campanhas sociais, a comemoração do aniversário da cidade, as festas juninas, natalinas e pré-carnavalescas, os protestos dos servidores públicos, a concentração nos jogos da copa etc. De modo que, a praça é palco dos principais eventos da cidade, desenvolvendo assim, um grande poder de congregação social. A exemplo disso, no dia primeiro de maio do ano de 2006, quando se comemorava o dia do trabalho, foi realizado, naquela Praça, um grande show do cantor Belchior, patrocinado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. Um dos acontecimentos de maior destaque para a cidade é a comemoração do seu aniversário. É um momento no qual se mobilizam todos os setores sociais. São realizadas palestras, seminários e outras atividades, envolvendo as instituições públicas (municipais, estaduais e federais) e privadas, procurando abranger e movimentar a sociedade fortalezense. De forma que, a culminância do evento é, tradicionalmente, encerrada com um bolo gigante para a degustação de todos, prática iniciada na gestão do prefeito Juraci Magalhães (SILVA, 2006, p. 106).

Foi feita uma visita de campo à Praça do Ferreira para entrevistar três pessoas que se encontravam em situação de rua na ocasião.

Já para com o objeto da pesquisa, as pessoas que se encontram em situação de rua, foram elaborados questionários com entrevista e a técnica da observação para a melhor compreensão e realização da pesquisa.

3 PONTOS A SEREM ESTUDADOS SOBRE AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

Podemos avaliar alguns aspectos que podem contribuir para o processo da situação de rua na vida de uma pessoa, por isso, serão abordadas as seguintes categorias de análise: Álcool/drogas, Família e Exclusão social.

Com base em pesquisas feitas pelo Centro-POP, e pela pesquisa realizada pelo Instituto Metas sobre a pessoa em situação de rua, este trabalho de conclusão de curso tem o objetivo de tentar ficar mais próximo da questão pessoas em situação de rua especificamente no centro da cidade de Fortaleza. Segundo Bauman (2009, p. 16): “Suspeitamos dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade de solidariedade humana”.

Geralmente, essa desconfiança vem acompanhada de um preconceito engessado e muitas vezes falso sobre as pessoas em situação de rua, como citado a seguir:

As representações sociais da sociedade brasileira a respeito das pessoas em situação de rua as descrevem como seres subversivos, mendigos, marginais, desqualificam-nas a partir de adjetivos pejorativos que fazem referência à malandragem, periculosidade, mendicância; a uma identidade de não trabalhador que lhes é atribuída (SCOREL, 2009; ESMERALDO, 2010; MATTOS; FERREIRA, 2004; MOURA JR. et al., 2013 apud ALCANTARA; FARIAS, 2015, p. 129-143).

Entender o que acontece com a sociedade e um possível por que da situação de rua é uma questão que deve ser abordada para desmistificar essa situação em nossa cidade. Nem sempre a pessoa em situação de rua é uma ameaça à sociedade, muitas vezes eles são na verdade vítimas dela, mas ainda assim, na maioria das vezes, nós os vemos como “perigosos”.

Como aponta Martins:

O capitalismo na verdade desenraiza e brutaliza a todos, exclui a todos. Na sociedade essa é uma regra estruturante: todos nós, em vários momentos de nossa vida, e de diferentes modos, dolorosos ou não, fomos desenraizados e excluídos. É o próprio dessa lógica de exclusão. A sociedade capitalista desenraiza, exclui, para incluir, incluir de outro modo, segundo suas próprias regras, segundo sua própria lógica (MARTINS, 1997, p. 32).

Segundo o autor, o capitalismo é responsável pela desigualdade social e também pela forma desigual de exclusão e de distinção entre as pessoas como “cidadãos ou marginais”.

Pudemos ainda verificar que a situação de rua vivida por um indivíduo pode causar até nele mesmo a autoimagem de inútil ou único culpado por essa situação, até nos casos que

efetivamente sua condição de miséria foi causada por fatos alheios à suas capacidades sociais e econômicas. Até psicologicamente o processo de rualização deve ser levado em conta para que o indivíduo possa sair dela, a princípio internamente, para consegui-lo socialmente:

A carência de condições básicas de vida, a exclusão, o isolamento social e a negação da condição de sujeito produzem a internalização da condição de sofrimento, que repercute na formação da identidade dessas pessoas. Renegados à condição de miseráveis, excluídos e invisíveis, as representações sociais negativas são introjetadas e desembocam em mecanismos de culpabilidade (WARANDA, 2009) e na formação de uma identidade estigmatizada (MOURA JR. et al., 2013; WARANDA, 2009 apud ALCANTARA; FARIAS, 2015, p. 129-143).

Como cita o autor, a autoimagem de excluído, pode prejudicar ainda no indivíduo que se encontra em situação de rua, pois introjetando essa imagem, ele mesmo pode se achar incapaz de sair dessa situação, e então o cruel ciclo de exclusão é cada vez mais reforçado.

Silva (2006) vai dizer que, na verdade, são muitos os agentes causadores da situação de rua e, muitas vezes, não diz respeito apenas a situações relacionadas a vícios ou simplesmente a não vontade de trabalhar, em muitos casos essas características são dadas a essas pessoas por fazerem parte desse grupo heterogêneo, e isto está relacionado à preconceitos que geralmente estigmatizam essa população como serem taxadas de “marginais” ou “vagabundos”:

São comumente enumeradas várias espécies de fatores motivadores da existência de pessoas em situação de rua, tais como fatores estruturais (ausência de moradia, inexistência de trabalho e renda, mudanças econômicas e institucionais de forte impacto social etc.), fatores biográficos (alcoolismo, drogadição, rompimentos dos vínculos familiares, doenças mentais, perda de todos os bens, etc. além de desastres de massa e/ou naturais (enchentes, incêndios, terremotos etc.) (SILVA, 2006,p.82)

Continua a autora:

[...] pode-se dizer que o fenômeno população de rua vincula-se à estrutura da sociedade capitalista e possui uma multiplicidade de fatores de natureza imediata que o determinam. Na contemporaneidade, constitui uma expressão radical da questão social, localiza-se nos grandes centros urbanos, sendo que as pessoas por ele atingidas são estigmatizadas e enfrentam o preconceito como marca do grau de dignidade e valor moral atribuído pela sociedade. É um fenômeno que tem características gerais, porém possui particularidades vinculadas ao território em que se manifesta. No Brasil, essas particularidades são bem definidas (SILVA, 2006, p. 82-84).

Na situação de rua, como cita a autora, várias são as formas e distintos os motivos que levam uma pessoa para a situação de rua, porém isso não é levado em conta na hora de

julgar. Tendo um olhar de fora pra dentro da situação, essas pessoas são sempre as “marginais” ou “vagabundos”, ou as que fizeram por onde se encontrar nessa situação.

3.1 Álcool e drogas

Segundo a pesquisa realizada pelo MDS, “um dos principais motivos pelos quais essas pessoas passaram a viver e morar na rua se referem aos problemas de alcoolismo e/ou drogas (35,5%)” (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME, 2006.).

Dessa forma, analisar a relação do uso de álcool ou drogas na adolescência/juventude e a situação de rua no centro da cidade de Fortaleza é importante se levarmos em conta este agravante.

O Relatório Brasileiro sobre drogas (2009) aponta que, de 2001 para 2005, houve aumento nas estimativas de uso do álcool, tabaco, maconha, solventes, benzodiazepínicos, cocaína, estimulantes, barbitúricos, esteroides, alucinógenos e craque. Nesse período a estimativa de dependentes de álcool passou de 11,2% e 12,3%; e a de tabaco de 9,0% e 10,1%. Exceto álcool e tabaco, as drogas com maior dependência são: maconha (1,0% e 1,2%), benzodiazepínicos (1,1% e 0,5%), solventes (0,8% e 0,2%) e estimulantes (0,4% e 0,2%). Ainda segundo esse estudo o gênero masculino apresenta maior uso na vida e maior dependência de álcool do que o gênero feminino, em todas as faixas etárias. A faixa etária que apresenta a maior dependência é a de 18 a 24 anos, seguida da de 25 a 34 anos. Essas observações valem para ambos os anos (MENDES, 2014, p. 29).

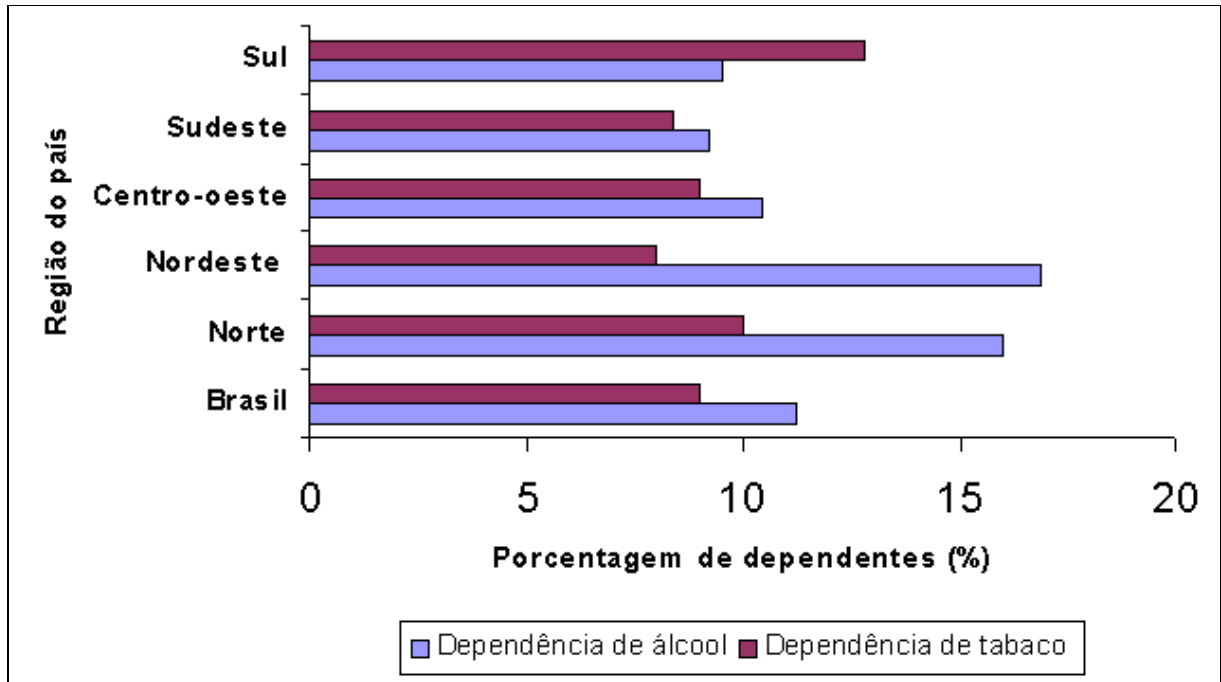
O uso do álcool como uma substância legal, pode deixar o álcool como uma “droga” ainda mais perigosa, pois pode inserir o alcoólatra mais rapidamente em situações fragilizantes, perigosas e economicamente necessitadas sem que ele, ou os que convivem com ele, se deem conta disso. Após a situação de rua esse vício tende a ser fortalecido:

Sabe-se que a condição de morar na rua é situação que contribui para o uso excessivo de álcool. No entanto, também há grupos de pessoas em que esse padrão de uso antecedeu à condição da rua, e as suas sintomatologias agravam-se em consequência desse processo. A grande prevalência do padrão de uso de risco na população adulta rua, em comparação à população em geral, torna-os mais vulneráveis a acidentes, a problemas físicos e mentais, relacionados ao uso de risco/nocivo/dependência de álcool. Esses fatores podem levar esses sujeitos a negligenciarem a sua saúde e a não procurar serviço de saúde⁽²⁵⁾ (SMAD, 2010).

Vemos no gráfico a seguir, em uma pesquisa realizada pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) que, em Agosto de 2001, publicou I Levantamento Domiciliar sobre Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil.

A dependência de álcool, dentre todos os estados do País, é claramente evidenciado na região Nordeste, esta é a que mais concentra dependentes dessa substância entorpecente lícita neste país:

Gráfico 2 – Porcentagem de dependentes de álcool e tabaco dividida por regiões.



Fonte: Álcool e Drogas sem Distorção (*site*).

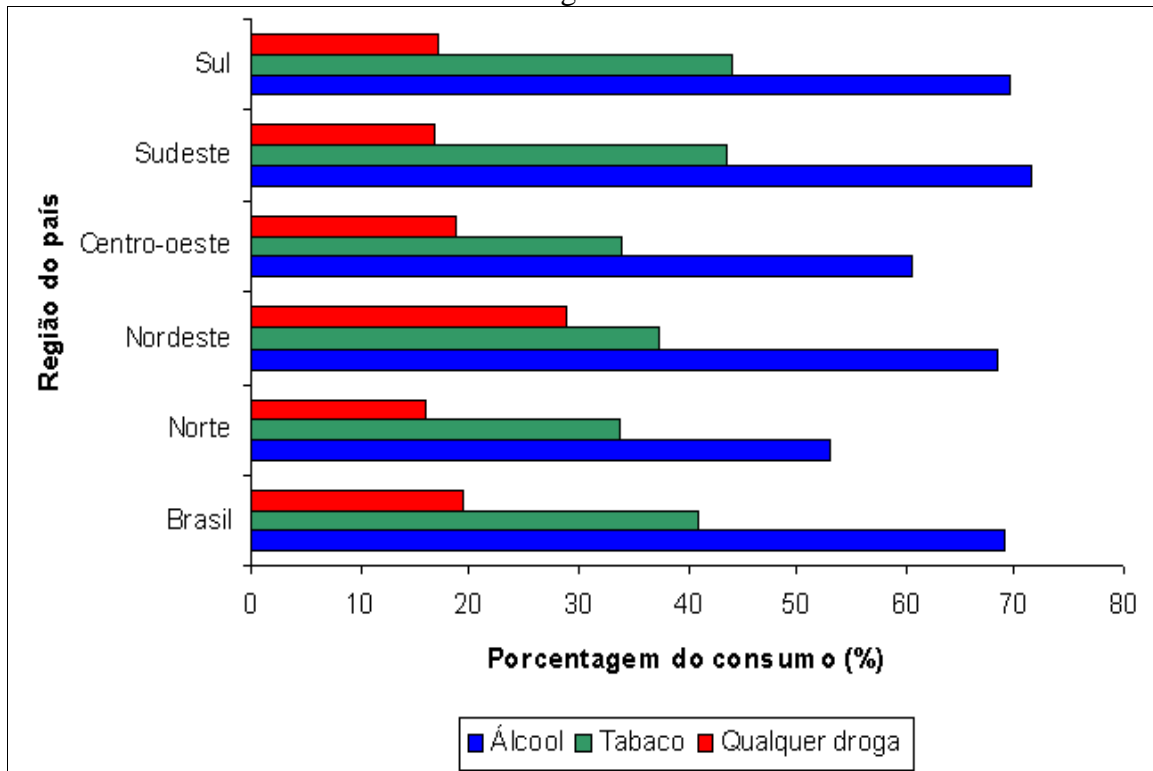
Podemos ver no gráfico de forma clara que na região nordeste o há a maior concentração, por porcentagem, de dependentes de álcool, e que é muito maior que de outras regiões do país como Sul, Sudeste e Centro Oeste, e é seguida de perto apenas pela região Norte.

O uso de drogas pode agravar ainda mais a situação difícil que as pessoas em situação de rua vivenciam na cotidianeidade. O preconceito vem como Como efeito dominó dessa situação. Como aponta Rosa:

As pessoas nas ruas estão à mercê da rede do tráfico, podendo tornar-se usuárias ou traficantes. A dependência do crack se verifica num tempo muito mais curto que a do álcool. Portanto, a associação rua/drogas/criminalidade tem alto poder desagregador e reforça a imagem social que relaciona automaticamente pobreza e marginalidade (ROSA, 2005, p. 192).

Segundo a mesma pesquisa, a porcentagem do consumo de dependentes de drogas, relatado como qualquer tipo de droga psicotrópica, também é maior em nossa região Nordeste do que em outras regiões do País:

Gráfico 3 – Porcentagem na vida do consumo de álcool, tabaco e outras drogas dividida por regiões

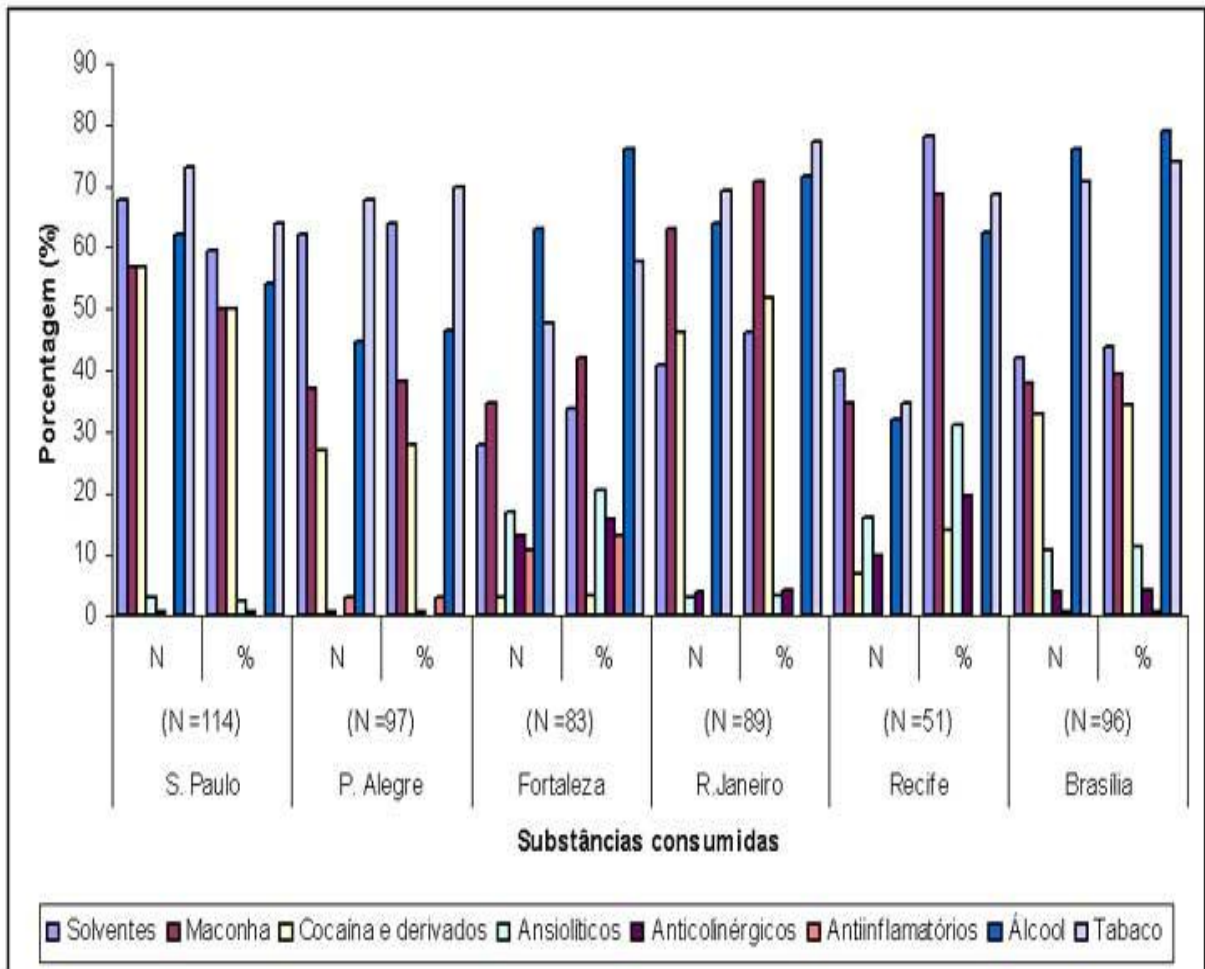


Fonte: Álcool e Drogas sem Distorção (*site*).

O gráfico mostra que o uso de drogas (sem especificação exata de qual tipo) tem a maior taxa de porcentagem de consumo e é maior quase 10% do segundo colocado, que é a região Centro Oeste.

Já entre crianças/adolescentes, o gráfico a seguir mostra no mesmo estudo, que foi divulgado pelo NEAD (Núcleo Einstein de Álcool e Drogas) do Hospital Israelita Albert Einstein, e apontou a frequência do uso de álcool ou outras drogas em seis capitais brasileiras, entre elas, Fortaleza, mas agora com 83 adolescentes entre 12 e 14 anos que se encontrava na rua ou fora da escola por abandono do lar ou falta de motivação pessoal, e mostrou os seguintes dados:

Gráfico 4 – Porcentagem do uso de 8 tipos de substâncias entorpecentes diferentes com 530 adolescentes com idade entre 12 e 14 anos em 6 capitais brasileiras



Fonte: Álcool e Drogas sem Distorção (*site*).

O gráfico mostra claramente que em fortaleza a prevalência do consumo de álcool entre os adolescentes é grande: entre 70% e 80% deles são usuários de álcool e o restante são usuários de outros tipos de drogas.

Ainda segundo a pesquisa do MDS, desavenças com a família somam (29,1%) o que pode estar ligado também ao uso de álcool e drogas, e nos leva ao objetivo de tentar observar mais de perto essa situação real.

A dependência de álcool e outras drogas levam à fragilidade nos laços familiares e sociais e a dificuldade em manter atividades laborais. A consequência é uma população que lida com condições precárias de vida e acaba recorrendo às ruas como única opção de sobrevivência e de moradia. Devido ao alto grau de vulnerabilidade psicossocial as quais estes sujeitos estão submetidos, encontramos na rotina dos serviços de saúde demandas de cuidados físicos e psicológicos recorrentes devido à abstinência pelo uso de álcool e/ou outras drogas. A questão do

acesso é um desafio na atenção desse público, já que muitas vezes a população em situação de rua não acessa ou acessam precariamente (MENDES, 2014, p. 30).

O uso do álcool como uma substância legal, pode deixar o álcool como uma “droga” ainda mais perigosa, pois pode inserir o alcoólatra mais rapidamente em situações fragilizantes, perigosas e economicamente necessitadas sem que ele, ou os que convivem com ele, se deem conta disso. Após a situação de rua esse vício tende a ser fortalecido:

Sabe-se que a condição de morar na rua é situação que contribui para o uso excessivo de álcool. No entanto, também há grupos de pessoas em que esse padrão de uso antecedeu à condição da rualização, e as suas sintomatologias agravam-se em consequência desse processo. A grande prevalência do padrão de uso de risco na população adulta rualizada, em comparação à população em geral, torna-os mais vulneráveis a acidentes, a problemas físicos e mentais, relacionados ao uso de risco/nocivo/dependência de álcool. Esses fatores podem levar esses sujeitos a negligenciarem a sua saúde e a não procurar serviço de saúde⁽²⁵⁾ (SMAD, Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas, 2016.)

Também são atribuídos a essas pessoas a discriminação, por serem usuárias e moradores de rua, e a tendência a serem tidos como marginais ou malandros que não querem fazer outra coisa senão viver naquela situação e se aproveitarem da “boa” vontade dos cidadãos para angariarem algum trocado:

Outros estudos como o de Waranda (2009) destacam que nas relações com as instituições públicas de apoio a esse segmento populacional, o uso dessas substâncias apresenta-se como estigmas de culpabilidade e penalização de sua condição de rua, o que resulta na produção da identidade social do "encharcador", ou seja, malandro, bêbado, que desqualifica essas pessoas e orienta a forma de tratá-las. (ALCANTARA; FARIAS, 2015, p.06)

Esse tipo de estereótipo é fortalecido à medida que se olha para a situação de forma singular, não se atentando para as realidades que podem rodear o indivíduo que nela esta inserida.

Considerando que a maioria das pessoas em situação de rua vem da classe de trabalhadores pobres, as representações sociais que os permeiam são de malandros, preguiçosos, mendigos, perigosos, vagabundos, sujos, coitados etc. (SCOREL, 1999; MATTOS; FERREIRA, 2004; WARANDA, 2009). São considerados culpados pela situação em que vivem, o que gera uma identidade de humilhação e de vergonha (MOURA JR., 2012 apud ALCANTARA; FARIAS, 2015, p. 6).

Os prejuízos causados pelo uso e o vício em substâncias entorpecentes são não só sociais, mas também psicológicos, dificultam ainda mais o trabalho de reinserção social e

reestabelecimento da dignidade na vida dessas pessoas. Os autores Duailib, Ribeiro e Laranjeira, relatam o seguinte de uma pesquisa realizada por eles:

Os usuários de *crack* na comunidade, quando comparados aos usuários de cocaína intranasal, pareciam possuir um padrão mais grave de consumo, maior envolvimento em atividades ilegais, maior risco de efeitos adversos ao uso de cocaína, maior envolvimento em prostituição e ter mais chance de morar ou ter morado na rua. Além disso, têm mais problemas sociais e de saúde do que os usuários de cocaína intranasal (DUAILIB; RIBEIRO; LARANJEIRA, 2005, p. 11).

O que pode dificultar ainda mais a saída desses indivíduos da situação de rua a que se encontram é uma pseudo socialização que o uso de drogas, álcool ou outra substância entorpecente pode causar quando usados para “entrar no grupo”, ou seja, além de “adormecer” o usuário da situação em que se encontra muitas vezes de fome ou dor, física ou moral, o uso dessas substâncias faz que o indivíduo seja inserido no “grupo dos que usam” fazendo assim eles terem uma identidade entre a população em situação de rua.

Reconhece-se os padrões de uso de risco do álcool como fator de fragilização da saúde da população ruralizada, entre eles a suscetibilidade maior a outras enfermidades, a redução da possibilidade de engajamento em trabalhos fixos, o depauperamento físico e acidentes. Nesse sentido, verifica-se, em estudos que analisam as pessoas ruralizadas, o consenso da associação álcool *versus* população de rua, mostrando que, além de variáveis ligadas à família e ao trabalho, o alcoolismo é um dos principais fatores da ruralização⁽²¹⁻²³⁾. Entretanto, ao mesmo tempo, há funcionalidade do uso do álcool para a pessoa em situação de rua, entre elas o favorecimento de encontros coletivos e o anestesiar do sofrimento que essa situação provoca, apesar do alheamento à realidade. Assim, ressalta-se a importância do álcool como elemento socializador nos grupos de rua, possibilitando à pessoa “integrar” uma rede tênue e efêmera de vínculos afetivos que se encontram fragmentados: “nesse processo (socialização na rua) o álcool é um elemento fundamental. Não se fala aqui apenas do alcoolismo, mas do álcool como elemento socializador, que integra o que parece tão fragmentado”⁽²³⁾. Desse modo, considera-se o uso de risco do álcool como aspecto que enraíza a pessoa na situação de rua, reduzindo, muitas vezes, a saída da mesma (SMAD, 2016.)

3.2 Perda dos vínculos familiares e exclusão social

Na família também podemos ver um fato que pode gerar a o fenômeno da pessoa em situação de rua. Se esta já vem com sua estrutura fragilizada por algum tipo de problema conjuntural como aponta Varanda e Adorno: A realidade brasileira revela pessoas que já nasceram num contexto familiar cujos membros estavam fora do mercado formal de trabalho, numa realidade de ausência de políticas de suporte social (VARANDA; ADORNO, 2004, p. 62).

A vida familiar influencia não só economicamente, mas em todos os aspectos da vida humana, principalmente o que afetará a construção das consciências das pessoas, deixando marcas que esse ser humano levará a vida inteira, como valores. Na família é o espaço em que se deve ter todo um cuidado para contribuir na construção do caráter das pessoas, como podemos ver:

Para Kaloustian e Ferrari (1994), a família é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal; é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e morais, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais. O que se afina com Sarti (1996) quando afirma que: A família não é apenas o elo afetivo mais forte dos pobres, o núcleo da sua sobrevivência material espiritual, o instrumento através do qual viabilizam seu modo de vida, mas é o próprio substrato de sua identidade social. Sua importância não é funcional, seu valor não é meramente instrumental, mas se refere à sua identidade de ser social e constitui o parâmetro simbólico que estrutura sua explicação do mundo.

Petrini (2003) acrescenta que no decorrer da evolução histórica, a família permanece como matriz do processo civilizatório, como condição para a humanização e para a socialização das pessoas. A educação bem-sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto. A família tem sido, é, e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas (GOMES; PEREIRA, 2005, p. 358).

Se a família perde a atenção de um governo, este se coloca em uma situação bastante arriscada em relação à sociedade, pois está lidando com uma instituição (a familiar) que influencia diretamente nas bases da sociedade.

A gravidade do quadro de pobreza e miséria, no Brasil, constitui permanente preocupação e obriga a refletir sobre suas influências no social e, principalmente, na área de atuação junto da família, na qual as políticas públicas ainda se ressentem de uma ação mais expressiva. O Estado deve assegurar direitos e propiciar condições para a efetiva participação da família no desenvolvimento de seus filhos, porém os investimentos públicos brasileiros, na área social, estão cada vez mais vinculados ao desempenho da economia. O Brasil nas últimas décadas vem impondo uma enorme desigualdade na distribuição de renda e elevados níveis de pobreza que exclui parte significativa de sua população do acesso a condições mínimas de dignidade e cidadania (GOMES; PEREIRA, 2005, p. 359).

Em relação a problemas de estruturação, causados pela exclusão social, a família pode sofrer impactos, fragilizando assim sua capacidade de manter-se firme o suficiente para enfrentar as adversidades econômicas, pessoais e sociais. Essas dificuldades podem ser causadores da situação de rua:

As transformações ocorridas na política econômica do Brasil produziram profundas mudanças na vida econômica, social e cultural da população, gerando altos índices de desigualdade social. Como reflexo dessa estrutura de poder, acentuam-se as desigualdades sociais e de renda das famílias, afetando as suas condições de sobrevivência e minando as expectativas de superação desse estado de pobreza, reforçando sua submissão aos serviços públicos existentes. As desigualdades de renda impõem sacrifícios e renúncias para toda a família. A situação de vulnerabilidade social da família pobre se encontra diretamente ligada à miséria estrutural, agravada pela crise econômica que lança o homem ou a mulher ao desemprego ou subemprego. Para Kaloustian e Ferrari (1994) “por detrás da criança excluída da escola, nas favelas, no trabalho precoce urbano e rural e em situação de risco, está a família desassistida ou inatingida pela política oficial”. Corroborando com este autor, Martins (1993) afirma que “a criança abandonada é apenas a contrapartida do adulto abandonado, da família abandonada, da sociedade abandonada” (GOMES; PEREIRA, 2005, p. 360).

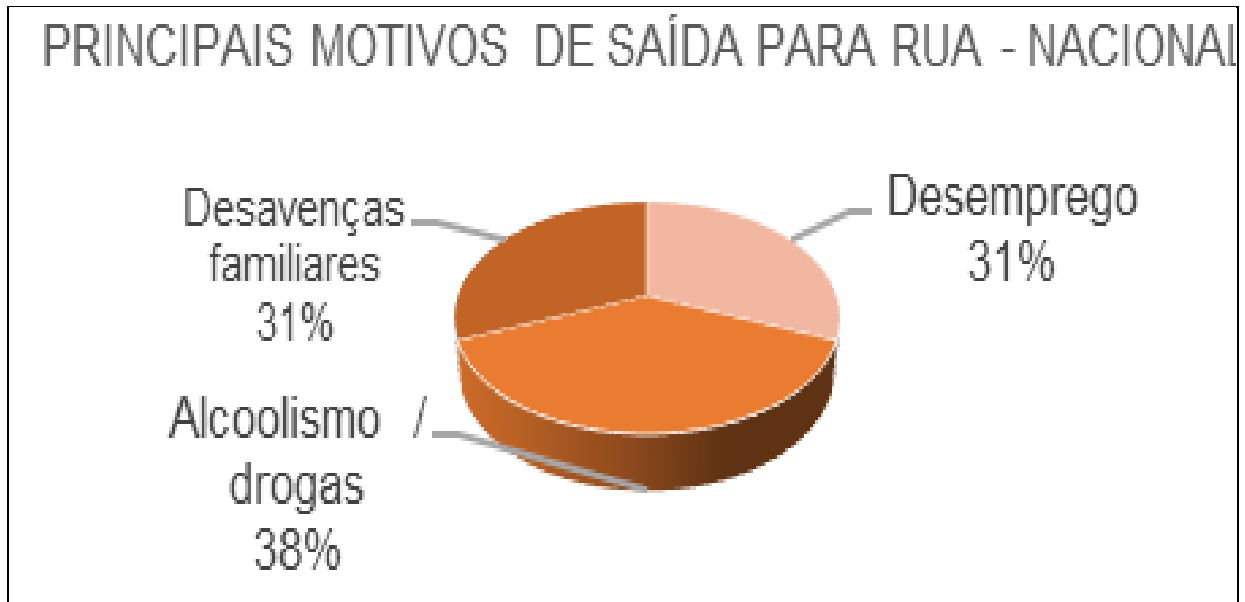
O autor, referente a esse assunto e ainda afirma que a perda dos vínculos familiares agrava ainda mais a situação de baixa autoestima, piorando a sensação de exclusão, que na maioria das vezes é real e confirmada em meio às relações sociais, sentida por quem é atingido com os efeitos das chamadas crises econômicas:

As consequências da crise econômica a que está sujeita a família pobre precipitam a ida de seus filhos para a rua e, na maioria das vezes, o abandono da escola, a fim de ajudar no orçamento familiar. Essa situação, inicialmente temporária, pode se estabelecer à medida que as articulações na rua vão se fortalecendo, ficando o retorno dessas crianças ao convívio sócio-familiar cada vez mais distante. Percebe-se que para essa família, a perda ou rompimento dos vínculos produz sofrimento e leva o indivíduo à descrença de si mesmo, tornando-o frágil e com baixa autoestima. Esta descrença conduz ainda o indivíduo a se desfazer do que pode haver de mais significativo para o ser humano: a capacidade de amar e de se sentir amado, incorporando um sentimento desagregador. A questão da família pobre aparece como a face mais cruel da disparidade econômica e da desigualdade social. (GOMES; PEREIRA, 2005, p. 360).

Não parece raro, acontecer na sociedade em que vivemos, casos como esse. As crises econômicas como causador de dificuldades na família, que por sua vez, causam a ida dos filhos mais jovens para as ruas, geram vários problemas de base na educação dos filhos, como o afastamento do mesmo da escola, sem falar de parte importante de sua infância que lhe é subtraída. Com isso, a perda ou o rompimento dos vínculos familiares podem ser cada vez mais evidentes, pois pode ficar cada vez mais fácil para uma criança que aprende cedo as responsabilidades do trabalho, ter perdidos momentos importantes em sua educação, como orientações sobre perigo do uso de drogas ou álcool, além de ter anulados os seus direitos de se ter na família, um local onde encontra segurança, apoio, abrigo ou até mesmo, referenciais de vida, onde esses são muitas vezes substituídos por pessoas que ele tem cada vez mais facilidade e acesso, como traficantes de drogas ou outra pessoa em situação de rua.

Sobre os resultados dos estudos do MDS, já anteriormente citados nessa pesquisa poderemos verificar mais claramente, no quadro a seguir, os resultados obtidos:

Gráfico 5 – Motivos de saída de casa da população em situação de rua



Fonte: Helena D'Ávila (2014).

O gráfico anterior mostra que uma significativa parcela das pessoas em situação de rua, tem a perda dos vínculos familiares como motivo da situação de rua em que se encontram.

Escorel se refere a perda dos vínculos familiares como resultado de uma exclusão social que, até chegar a esse estopim (essa perda de vínculos com a família), já vem sofrendo as consequências dessa exclusão, em que segundo ele, é definida por “processo que envolve trajetórias de vulnerabilidade, fragilidade ou precariedade e até ruptura dos vínculos nas dimensões sociofamiliar, do trabalho, das representações culturais, da cidadania e da vida humana”. (ESCOREL, 1999).

Um olhar mais cuidadoso para a instituição família deve sempre ter a prioridade do Estado e de toda a sociedade, pois “A debilidade ou a não sedimentação do sentimento de pertença à família como primeiro núcleo de socialização pode gerar no indivíduo sentimentos de anomia e alienação, o que pode levá-lo a que não se identifique com o lugar onde vive, nem com as pessoas com as quais convive na idade adulta” (SARASON, 1974).

Podemos identificar a perda desses vínculos como um dos principais fatores para a marginalidade, e criminalidade e assim, também como causador das pessoas em situação de rua. Paugam (1999) identifica a desestabilização das relações com o outro, a situação de fragilidade (diminuição de renda e degradação das condições de vida), e finalmente a ruptura dos vínculos sociais, quando as pessoas “saem das malhas da proteção social e depara-se com situações em grau crescente de marginalidade, em que a miséria é sinônimo de dessocialização.

Gomes e Pereira (2005, p. 359), definem assim o termo “exclusão social”:

O termo exclusão social tem sentido temporal e espacial: um grupo social está excluído segundo determinado espaço geográfico ou em relação à estrutura e conjuntura econômica e social do país a que pertence. No Brasil, esse termo está relacionado principalmente à situação de pobreza, uma vez que as pessoas nessa condição constituem grupos em exclusão social, porque se encontram em risco pessoal e social, ou seja, excluídas das políticas sociais básicas (trabalho, educação, saúde, habitação, alimentação) (GOMES; PEREIRA, 2005, p. 359).

Dessa forma, além da exclusão por parte da própria sociedade preconceituosa, essas pessoas, depois de serem excluídas, ou de excluírem a si próprias, de suas famílias, ainda sofrem exclusão de seus direitos garantidos pela própria constituição federal.

Sarti afirma ainda que: No Brasil, onde a família tem uma importância enquanto rede e acaba exercendo um papel da rede de proteção social, a desvinculação sociofamiliar mostra-se relevante no processo de ida para as ruas (SARTI, 2003).

Segundo a nossa constituição, o seu Artigo 5º, assegura a igualdade de todos os cidadãos brasileiros perante a lei e a inviolabilidade do direito à vida, a liberdade, à igualdade à segurança e à propriedade. No artigo 6º, lê-se que “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”. Dessa forma podemos ver nessas pessoas a violação desses direitos a partir da legislação que contribui para a exclusão social.

O tema escolhido pela pesquisa tem sido traçado há algum tempo por nós e encontramos incentivo basear-nos também em autores como Bauman, que fala sobre o medo do diferente e assim sua contribuição para o fortalecimento do processo de exclusão social, como já citado neste trabalho.

Podemos ver que, na verdade, claramente estão relacionadas às categorias de análise apontadas neste estudo. Pois "Considerando que a desvinculação no eixo sócio familiar é um

processo de fragilização que pode converter-se em isolamento e vazio social, o álcool é uma forma de preencher esse vazio ou, melhor, uma maneira de sequer senti-lo" (SCOREL, 1999, p. 167).

A vivência do alcoolismo e uso de drogas é relatada como única alternativa possível de suportar a total vulnerabilidade inerente à vida nas ruas e opera como mediadora de relações sociais e de sobrevivência, além de possibilitar o alívio do sofrimento físico e psíquico (SCOREL, 1999; ESMERALDO, 2010; WARANDA, 2009). A situação de extrema miséria obriga a mendicância a buscar a sobrevivência. A transitoriedade configura-se como elemento intrínseco a esse grupo, dado o espaço onde vivem e as atividades de sobrevivência diária que são impostas a eles (SCOREL, 2009; MDS, 2009).

Longe de resolver os problemas e dificuldades encontradas nas ruas o uso de álcool/drogas pode agravar ainda mais a situação de carência nas áreas da integridade física e mental de uma pessoa em situação de rua, pois esta fica mais suscetível a esse vício do que as demais pessoas da sociedade: “Estudos internacionais, americanos e ingleses, assinalam grande prevalência de alcoolismo na população rualizada, em comparação à população em geral, torna-os mais vulneráveis a acidentes e a problemas físicos e/ou mentais, principalmente relacionados ao abuso e/ou dependência de álcool”. (GOMES; PEREIRA, 2005).

Podemos ver também que “Vítimas do preconceito e do processo de exclusão de uma sociedade que os rejeita, muitas vezes o morador de rua assume de forma extremamente rígida o estigma lançado sobre si, sentindo-se fracassados, caídos” (VIEIRA, 1994, p. 100).

O autor a seguir fala sobre o trinômio de uma exclusão que é sofrida e reafirmada muitas vezes pela própria pessoa que se encontra em situação de rua:

A população rualizada apresenta como característica comum o estabelecimento do espaço público da rua, como campo de relações privadas, e a vivência da exclusão social pelo trinômio: expulsão, desenraizamento e privação. A exclusão social inclui a situação extrema de ruptura de relações familiares e afetivas, além de ruptura total ou parcial com o mercado de trabalho e de não participação social efetiva⁽³⁾. Nesse sentido, essa população é vítima dos processos sociais, políticos e econômicos excludentes⁽⁴⁾. (SMAD, 2016).

Para Scorel (1999), a exclusão social é um “processo no qual os indivíduos são reduzidos à condição de animal *laborans*, cuja única atividade é a sua preservação biológica, e na qual estão impossibilitados de exercício pleno das potencialidades da condição humana”.

Para Bauman (2009, p. 24-25), a exclusão é não tem escrúpulos, ou seja, a exclusão social, que começa na forma de olhar para uma pessoa em situação de rua, é generalizadora e condena aqueles que estão nessa situação a serem rotulados como inúteis ou antissociais:

Hoje a exclusão não é percebida como resultado de uma momentânea e remediável má sorte, mas como algo que tem toda a aparência de definitivo.

Essa exclusão irrevogável é a consequência direta, embora imprevista, da decomposição do Estado social, que hoje se assemelha a uma rede de poderes constituídos, ou melhor, a um ideal, a um projeto abstrato.

Ser excluído do trabalho significa ser eliminável (e talvez já eliminado definitivamente), classificado como descarte de um “progresso econômico” que afinal se reduz ao seguinte: realizar o mesmo trabalho e obter os mesmos resultados econômicos com menos força de trabalho e, portanto, com custos inferiores aos que antes vigoravam.

Hoje, apenas uma linha sutil separa os desempregados, especialmente os crônicos, do precipício, do buraco negro da *underclass* (subclasse).

Não menos sutil é a linha que separa os “supérfluos” dos criminosos; *underclass* e “criminosos” são duas subcategorias de “elementos antissociais” que diferem uma da outra mais pela classificação oficial e pelo tratamento que recebem que por suas atitudes e comportamentos.

Não são mais encarados como pessoas que seriam “reeducadas”, “reabilitadas” e “restituídas à comunidade” na primeira ocasião, mas veem-se definitivamente afastadas para as margens, inaptas para serem “socialmente recicladas”: indivíduos que precisam ser impedidos de criar problemas e mantidos a distância da comunidade respeitosa das leis.

Esse tipo de comportamento pode contribuir para o crescimento da cultura da exclusão fortalecendo ainda mais o sentimento de incapaz ou de indigno por parte da pessoa que se encontra em situação de rua, tendo esta que ter um censo de si mesmo muito bem estruturado para não ser vítima de sua própria consciência influenciada pelo olhar discriminador da sociedade.

Em uma pesquisa realizada pelo MDS em 2005, em Belo Horizonte, mostrou depoimentos das próprias pessoas em situação de rua. Um desses depoimentos foi:

Todo ser humano tem direito ao mínimo possível, que é a dignidade, ter o trabalho. Nós em situação de rua não queremos ficar mendigando por um direito que é do povo, um direito de cidadão brasileiro. Porque todos estão à procura de algo; de uma oportunidade para resgatar a sua própria cidadania, sua dignidade como ser humano (O LUTADOR, 2005, p. 89 - Moradora A).

Esse trecho da fala de uma pessoa que se encontra em situação de rua, mostra sua própria percepção sobre o tema, e revela sua indignação por ter seus direitos violados dessa forma, sabendo que todo cidadão tem direito a oportunidades, ela relata que as pessoas que

vivem nessa situação não se sentem contemplados por elas, mas além de mendigar comida, mendigam “direitos que são do povo”.

4 “CORACÃO DE MÃE”: RELATOS DA PESQUISA DE CAMPO

Minha pesquisa de campo foi realizada no dia 29 de Abril de 2016, por volta das 19h00min no local escolhido para ser o campo para pesquisar as pessoas que vivem em situação de rua no centro da cidade de Fortaleza. A pesquisa foi realizada em 1 (uma) noite e contou com a colaboração de 3 (três) pessoas em situação de rua que estavam no local do campo de pesquisa naquela ocasião.

As pessoas foram identificadas como pessoas em situação de rua através de características exteriores como descreve o Decreto Federal n. 7.053/2009, no seu Art. 1º como conceito jurídico de pessoas em situação de rua:

Art. 1º Fica instituída a Política Nacional para a População em Situação de Rua, a ser implementada de acordo com os princípios, diretrizes e objetivos previstos neste Decreto.

Parágrafo único. Para fins deste Decreto, considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (GUIA DE ATUAÇÃO MINISTERIAL, 2015).

“Apesar da dinâmica diversa que dificulta a formação de conceitos unidimensionais, três condições são fundamentais para a configuração da situação de rua: (a) pobreza extrema; (b) vínculos familiares rompidos ou fragilizados; e (c) inexistência de moradia convencional”. (GUIA DE ATUAÇÃO MINISTERIAL, 2015).

Sendo assim, tendo conhecimento das condições que configuram a situação de rua, podemos nos aproximar das pessoas em situação de Rua na Praça do Ferreira para iniciar a entrevista.

Os estudos feitos com essa população requerem algumas particularidades em relação aos procedimentos de coleta de dados, assim a presente pesquisa baseia-se na Resolução Conselho Nacional de Saúde (CNS) 466/12 (BRASIL, 2012), que dispõe sobre aspectos éticos da pesquisa em seres humanos. Foi assinado pelo participante o termo de consentimento livre e esclarecido TCLE, que também foi assinado por uma testemunha que trata-se de minha esposa Talita Pereira de Oliveira Avelino, que estava comigo no momento da pesquisa, mas não participou ativamente da pesquisa, ficando apenas como observadora de um local estratégico na Praça do Ferreira.

Os participantes foram respeitados quanto à decisão de participação ou não no estudo, frente à apresentação clara dos objetivos e procedimentos da entrevista. Foi ressaltado quanto ao sigilo a que foi submetido a entrevista. Todos os nomes das pessoas em situação de rua entrevistados citados nesta pesquisa são nomes fictícios, protegendo assim a identidade dessas pessoas e ressaltando o compromisso ético.

Não foi fornecido nenhum tipo de recompensa ou gratificação para a participação na pesquisa, mas de acordo com o desenrolar das conversas, foi informado quanto ao serviço especializado para pessoas em situação de rua naquela região, o Centro Pop, localizado à Rua Antônio Pompeu nº 134, Centro.

Esta pesquisa trata-se de uma entrevista semiestruturada com 3 (três) pessoas em que busquei a dimensão qualitativa com o objetivo de descrever as condições e contextos aos quais os entrevistados se encontram em situação de rua, o que motivou para escolher a Praça do Ferreira como local de passar a maior parte de seu dia e que fatores sociais ou não, colaboraram para que se desencadeasse a situação de rua em que se encontravam, quanto ao uso de drogas, perda dos vínculos familiares e até que ponto eles sofrem ou se sentem sofrendo algum tipo de exclusão social.

Foi utilizada a entrevista semiestruturada a fim de dar maior abertura e deixar os participantes à vontade. O entrevistador buscou ter uma atitude atenta e empática para com os entrevistados, sabendo que as histórias poderiam ser complexas e levando em conta o fator emocional, tentou-se ter uma postura de total interesse pelos relatos, mas sem deixar-se envolver emocionalmente pelos casos.

Ao chegar à Praça do Ferreira por volta das 18h30, e identificando que na Praça havia a presença de um fiscal da prefeitura, dirigi-me a ele e identifiquei-me como estudante em Serviço Social e a finalidade do estudo que iria realizar. Informei sobre a entrevista que iria aplicar com as pessoas em situação de rua daquele local e obtendo dele uma resposta positiva e não recebendo nenhum tipo de aviso ou orientação quanto à possível falta de segurança para realizar o estudo (havia também a presença de policiais militares no local, não sei se há esse policiamento ordinariamente ou se por ocasião de um espetáculo no Cinema São Luíz que receberia naquela noite a presença da artista Cláudia Raia, que se apresentava em um musical) e depois da devida identificação, iniciei as entrevistas.

4.1 Verônica

No primeiro caso, depois de dar algumas voltas na Praça para melhor identificar as pessoas as quais iria me aproximar, sentei ao lado de Verônica. Esta era uma mulher que aparentava mais idade do que me revelou. Estava vestida com roupas sujas e resgadas, uma camisa masculina e com cabelos mal penteados, na verdade, entrelaçados em forma de coque. Aparentava sinais de entorpecência.

Depois de me identificar, revelei todo o objetivo da pesquisa e munido de todo o processo ético a que já citei anteriormente, com o consentimento da mesma, a que me deixou bem à vontade com a frase “- pode perguntar se for até mil perguntas eu respondo”, depois desta afirmativa iniciei a entrevista.

Verônica é natural de Fortaleza, me revelou a idade de 38 (trinta e oito) anos e disse que iniciou a vida nas ruas aos 30 (trinta). Quando indagada sobre em quais condições ou que situação acarretou sua ida para a situação de rua disse: “- Foi uma amiga minha que me chamou para usar, aquela... (pronunciou um palavrão!)”.

Quando indagada sobre as formas de ida para a situação de rua, Verônica disse: “- Com certeza, as drogas levam muita gente para as ruas. Eu mesma tenho muitos amigos que moram na rua por causa das drogas”.

Vale salientar que Verônica estava com uma postura encurvada, e de movimentos inquietos, ao desenrolar da entrevista foi diferenciando-se do modo que estava no começo quando estava totalmente disposta a participar, ficava o tempo todo olhando para os lados, e para outra pessoa que estava com ela antes de eu a convidar para participar da pesquisa.

A entrevistada revelou que ainda mantinha seus vínculos familiares com a irmã, e que seus pais já haviam falecido: “- Ainda falo com minha irmã, mas meu pai e minha mãe morreram”.

Não consegui a resposta quanto à relação de sua ida para as ruas e a perda de seus vínculos com sua família, porém ela deixou claro que o motivo principal foi o uso constante de drogas: “- Comecei a usar, aí ficava usando direto!”.

Sabendo que “Em outros casos, era a intensificação do uso da droga, por diversos motivos, que conduzia novamente à vida nas ruas” (RAUPP; ADORNO, 2011, p. 57), não posso afirmar que o uso ou dependência das drogas colaborou para a ida para a situação de rua no caso de Verônica, pois como foi explicitamente informado pela entrevistada, mantinha

seus vínculos familiares, ainda que só com a irmã e não me confirmou essa relação entre a dependência química e a perda dos vínculos familiares até a situação de rua em que se encontrava.

Verônica contou ainda que escolheu a Praça do Ferreira para ficar e passar a noite, por motivos de segurança, pois tinha a presença de policiais, nesse momento ela disse que presenciou a morte de um amigo de rua que estava dormindo em seu lado quando ficava em outro lugar: “– Um monte de tiros na cara!”, disse.

Sobre esse relato, podemos confirmar as palavras de Verônica no texto a seguir:

Das praças do centro da cidade, onde a maioria encontra-se degradada, a Praça do Ferreira é a mais conservada e agradável. Nela existe a presença constante de policiamento, realizado pela Polícia Militar (PM) e também da Guarda Municipal de Fortaleza (GMF), transmitindo uma segurança maior aos que a frequentam. No entanto, o esquema de segurança não é o mesmo em todos os dias da semana, expandindo-se ou diminuindo de acordo com a existência ou não de eventos. Em dias normais, a segurança é feita de modo pouco ostensivo, tanto pela Guarda Municipal como pela polícia militar. Pode-se considerar, segundo Souza (1995), que essas variações acordam com a escala periódica do território, que se referem às mudanças ocorridas em um determinado momento, no qual o substrato espacial permanece o mesmo, mas a dinâmica da praça muda (SILVA, 2006, p. 114).

É preciso salientar que Verônica começou a parecer incomodada, continuava a olhar para o companheiro o qual já citei, e começou a me perguntar: “– Já tá acabando?” informei pra ela que ela estava livre se não quisesse mais continuar com a entrevista, mas que sim já estava acabando. Decidiu ficar.

Perguntada sobre as dificuldades e facilidades da situação de rua, respondeu que a única dificuldade que tinha era aos domingos: “– Só é ruim dia de domingo porque os restaurantes ficam todos fechados e não tem quase ninguém na praça!”.

Supostamente os restaurantes são oportunidades de se obter algum alimento e as pessoas, de se conseguir algum outro tipo de ajuda financeira, de vestimenta etc.

Quando perguntada se sentia algum tipo de exclusão social Verônica informou que sente que há preconceito por parte da maioria das pessoas: “– As pessoas ficam todas olhando pra gente, só porque agente anda suja e dorme no chão, ficam todas olhando e não querem ficar perto da gente!”.

A entrevistada não esperou o final da entrevista, quando viu que alguém emprestou um celular ao homem que estava com ela antes da entrevista, correu para junto dele sem finalizar a conversa. Não respondeu as perguntas de números 12,13 e 14.

Embora Verônica apresentasse indícios de drogadição, não tem como afirmar com certeza se ela faz uso constante de algum tipo de drogas lícitas ou ilícitas, ou se há algum tipo de relação do uso das drogas e a situação de rua em que se encontrava, embora pareça evidente que sim.

4.2 Pedro

O segundo caso é o de Pedro. Natural de Caucaia-CE e em situação de rua desde os 23 (vinte e três) anos de idade, atualmente encontra-se com 28 (vinte e oito). Devo salientar que o entrevistado também aparentava muito mais idade do que me informou.

Encontrei Pedro sentado em um dos bancos da Praça. Boné na cabeça roupas um tanto surradas e à primeira vista, estava rodeado de uma mulher com uma criança de colo, e mais duas crianças, uma menina e um menino menor. À sua frente estava um carrinho de bebê onde se encontrava deitado o menino. Ao todo eram 3 (três) crianças.

Em certo momento, Pedro ficou só com o carrinho e a criança que estava nele, a mulher e as outras 2 crianças (a de colo e a menina maior) saíram a caminhar na Praça. Foi o momento que decidi me aproximar de Inácio.

Dei boa noite e me identifiquei. Pedro se mostrou bastante disponível, ao ser informado do objetivo da pesquisa, com muita simpatia, disse: “– Pode entrevistar, com certeza não tem problema não, pode ficar a vontade pra perguntar o que quiser!”

Iniciamos então a entrevista propriamente dita.

O entrevistado informou que foi por motivos de desavenças familiares que o levou a ir para as ruas junto com sua mulher e filhos. Revelou-me que a mulher e as crianças que estavam com ele eram na verdade sua família (esposa e filhos): “– Minha mãe não queria meu relacionamento com minha mulher que é essa que estava aqui, esses são meus filhos!”

Após muito tempo de desentendimentos com sua mãe, Pedro foi obrigado por ela a sair de casa, sua mãe não aprovava seu relacionamento com sua mulher e disse que ele poderia ficar na casa, mas sem ela. Pedro decidiu sair de casa, levando assim os filhos pequenos consigo. Pedro tem também outra filha, essa com 15 (quinze) anos de idade, mas mora com a avó materna. Não foi perguntado o motivo pelo qual a mãe de Pedro desaprovava seu relacionamento com sua atual mulher.

“– Minha mãe me disse que se eu quisesse ficar eu ficava, mas minha mulher não, aí eu peguei minha mulher e meus filhos e vim pra cá, eu não ia deixar eles né?”.

Perguntado sobre consequências da droga na vida de uma pessoa, o entrevistado deu sua opinião que sim, a droga ou o álcool pode levar uma pessoa a perder seus vínculos sociais e até levar à situação de rua: “– Pode sim com certeza!”.

Pedro informou que perdeu seus vínculos familiares com o passar do tempo, porém, segundo ele, sua esposa ainda os mantém com a mãe dela, embora viva atualmente com Pedro na Praça do Ferreira:

– Minha mulher de vez em quando ganha uma ajuda da mãe dela, mas não tem como agente viver lá não, aí agente se ajeita por aqui mesmo, às vezes agente passa uns dias lá, mas não dá não. A mãe dela ajuda muito agente tem uma filha minha de 15 (quinze) anos que ela cria. Assim agente vai levando a vida né, mas eu tenho fé que um dia agente vence, Deus é pai né? (Relatos da pesquisa de campo: Pedro).

Pedro informou, como já foi explicado anteriormente, que a perda dos seus vínculos familiares tem total relação com sua ida para as ruas, pois foi obrigado a ir para as ruas por sua própria mãe e, sem emprego, não teve condições de prover uma moradia para ele e sua família.

Quando perguntado sobre o motivo que o levou a escolher a Praça do Ferreira como local para dormir e passar o dia, foi onde tive a primeira resposta que particularmente me impressionou, pois o senso comum poderia me sugerir que, ainda que menos incômodo que outros ambientes pela quantidade de pessoas que não tendo outro local pra ficar escolhem a Praça do Ferreira, ali com certeza ainda não seria nem de longe um bom local para ficar, dentro das circunstâncias da situação de rua.

Foi onde pela primeira vez escutei, referindo-se à Praça do Ferreira, a expressão “CORAÇÃO DE MÃE”, dita pelo próprio Pedro:

– Aqui tem muita gente boa que nos ajuda, aqui nós somos mais vistos, quando dá eu dou um jeitinho de vender uns bombonzinhos, umas coisinhas, de vez em quando os donos dos restaurantes nos dá uma merenda, uma quentinha. É o coração de mãe aqui em Fortaleza né?” (Relato da pesquisa de campo: Pedro)

Digo que foi a primeira vez onde escutei a frase “coração de mãe”, o que me impressionou, pois como veremos no terceiro caso, novamente no relato da terceira entrevistada a mesma expressão se referindo à Praça do Ferreira, e pessoalmente não esperava

que fossa atribuída àquela praça sentimento tão nobre e acolhedor como aquele que se tem no coração de uma mãe.

Ainda que Pedro tenha se referido a situação de rua na Praça do Ferreira como um bom local para ficar, pela forma que expressou a Praça em sua vida, não deixou porém de informar as dificuldades em que encontra cotidianamente na vida que leva no local: “– Acordar cedo e ter que ver várias pessoas passando e olhando pra você e seus filhos ainda dormindo, às vezes, até filmando e tirando fotos, e você sem poder fazer nada, isso me deixa triste”.

Referente a isso Pedro ainda falou que a pessoa que está em situação de rua sofre vários tipos de exclusão e preconceitos: “– É muito humilhante ter que passar por isso!”.

Pedro informou que por várias vezes se sentiu vítima de preconceitos, contou um caso que aconteceu naquele mesmo dia em que eu o entrevistava, sentiu-se humilhado: “– Hoje mesmo um homem olhou pra mim sentado ali e me disse assim: vê se vai atrás de um emprego macho!”.

Quebrando esse senso comum de que as pessoas em situação de rua não trabalham por opção própria, como se preferissem ficar pedindo a procurar uma fonte de renda, como foi falado à Pedro e desconstruindo a imagem da pessoa em situação de rua como vagabundo ou folgado, o Conselho Nacional do Ministério Público na Ação Nacional em Defesa dos Direitos Fundamentais informa um dado importante no seu Guia de Ação Ministerial:

Grande parte dessas pessoas tem como fonte de renda as atividades no mercado informal (52%), tais como: catadores de material reciclável (27,5%), flanelinhas (14,1%), trabalhadores da construção civil (6,3%) e limpeza (4,2%), carregadores e estivadores (3,1%). A maioria nunca teve carteira assinada ou não trabalhava formalmente há muito tempo.

Vale ressaltar que, apesar do entendimento comum, apenas uma minoria (15%) é pedinte. Assim não se trata de mendigos, mas de trabalhadores que têm alguma profissão exercida, em regra, na economia informal.

No que se refere ao aspecto educacional, 74% são alfabetizados (leem e escrevem). Não concluíram o Ensino Fundamental 63%, 15% nunca estudaram e 5% frequentavam a escola.

Aproximadamente 25% dos pesquisados afirmaram não possuir qualquer documento pessoal, o que dificulta a obtenção de emprego formal, acesso a serviços públicos e programas governamentais (GUIA DE ATUAÇÃO MINISTERIAL, 2015).

O resultado da pesquisa mostra que apenas uma minoria das pessoas que se encontram em situação de rua é pedinte, o que é importante salientar para a desconstrução da imagem da pessoa em situação de rua como alguém que prefere estar a pedir na rua a

trabalhar. Além disso, a situação ainda é dificultada pela falta de documentação em 25% dos casos. O próprio entrevistado informou que tem sim uma fonte de renda:

– Acordo de manhã cedo e quando vejo que meus filhos vão acordar e não tem o que comer, vou atrás de ver uma forma de conseguir dinheiro, com o pouco que consigo guardar vou atrás de comprar bombons e pastilhas para vender, quando as crianças acordam elas querem é comer e não querem saber de onde vem né. (Relato da pesquisa de campo: Pedro).

Cheguei então às perguntas finais que utilizei para ter uma orientação para a pesquisa de campo. Somente se quisesse responder, foi feita a pergunta a Pedro se o mesmo era usuário de algum tipo de substância entorpecente, Pedro, com muita abertura disse que sim, mas só álcool: “– Graças a Deus, eu não uso droga, só bebo, isso eu não vou mentir, de vez em quando eu ainda bebo, digo a verdade por que Deus tá vendo!”.

Disse também que o uso do álcool tem relação com sua ida para as ruas, pois era outro agravante que levou sua mãe a não querer ele e sua esposa em sua casa: “– Às vezes minha mãe achava ruim porque eu chegava bêbado em casa, ela brigava muito comigo!”

Já no final da entrevista chegou a esposa de Pedro com seus 2 (dois) filhos, sua mulher amamentando a criança e sua menina que foi brincar com o filho que estava no carrinho.

Durante toda a entrevista Pedro se mostrou um homem bastante otimista, falava o tempo todo a seguinte frase: “– Mas eu sei que minha vida vai mudar, Deus vai me dar a vitória, agente tem que ter fé, um dia eu vou vencer!”.

Percebe-se bem que sua crença era um forte auxílio para enfrentar a dura realidade das ruas, Pedro disse que de vez em quando vai à Igreja.

Devo salientar também, que em nenhum momento o entrevistado pediu algum tipo de ajuda ou gratificação por participar da pesquisa, nem para ele nem para seus filhos, levando-me a crer tanto na real disponibilidade do mesmo para com minha pesquisa, como na clareza dos objetivos da pesquisa e no caráter científico, em que apresentei minha atuação de pesquisador naquele momento.

4.3 Joana

O terceiro caso pesquisado para minha pesquisa qualitativa foi o de Joana. Natural de Belém-PA, Joana tem hoje 43 (quarenta e três) anos de idade, foi o único caso confesso que a entrevistada aparentava ser mais jovem, e iniciou na situação de rua aos 36 (trinta e seis).

Joana estava sentada em um banco da praça com um pratinho que estava comendo seu jantar. Ao identificar-me como estudante e o objetivo de minha pesquisa, ao informar todos os procedimentos de sigilo e ética a que era submetido meu estudo, mostrou-se, assim como nos dois casos anteriores, bastante disponível e disse em tom de brincadeira: “– Só não posso lhe oferecer um pouco da minha janta”.

Depois de algumas risadas, iniciamos a entrevista, pois falei que não queria atrapalhar seu jantar.

A entrevistada informou que foi exclusivamente a dependência química (drogas) que a levou a estar na situação de rua em que se encontrava. Falou com propriedade que sim, realmente a situação de rua pode ser acarretada com a dependência química, como foi seu caso: “– Foi o uso das drogas que me levaram para essa situação. Com certeza as drogas levam muitas pessoas a viver em situação de rua!”.

Sobre seus vínculos familiares Joana disse que não possui nenhum, disse que depois de sua ida para as ruas perdeu também o vínculo com sua filha que foi a última pessoa da família que ela teve contato: “– Depois que eu comecei a usar drogas, perdi todo o contato com minha família. Eu ainda tinha contato com minha filha que mora aqui, mas faz muito tempo, depois perdi o contato com ela também!”.

Joana tem um ponto a ser ressaltado. É uma mulher bastante educada, me impressionou a forma que me tratou durante toda a entrevista, não tive problemas para lhe fazer entender o que eu queria dizer com minhas perguntas e dava respostas bastante claras. Tive que elogiá-la enquanto a essa qualidade, e ela me falou:

– Gosto de ser educada com as pessoas, mesmo percebendo que elas não estão muito a vontade com minha presença, quando chego nos bancos da praça dou boa noite, trato as meninas de princesas, elas pensam que vou pedir alguma coisa, se afastam, mas gosto de ser assim. (Relatos da pesquisa de campo: Joana)

Nesta fala já podemos ver um tipo de preconceito que é logo atribuído às pessoas em situação de rua, como pedintes.

Perguntada o porquê de escolher a Praça do Ferreira como local para ficar, Joana disse no início não era o local que escolheu, antes ela ficava em uma calçada próximo ao Parque do Cocó, e foi trazida por outros moradores à Praça do Ferreira, o que ela diz que foi a melhor coisa que fez: “– Eu ficava lá no Parque do Cocó, aí um amigo meu me chamou pra

cá. Depois que conheci a Praça do Ferreira, não quis mais sair daqui, é realmente o coração de mãe!”.

Foi a segunda vez que ouvi esta expressão referindo-se a Praça do Ferreira, e foi por isso que me chamou tanta atenção, pois não se tratou de um caso isolado mas percebi que trata-se de uma forma carinhosa que as pessoas em situação de rua já se acostumaram a chamar a Praça do Ferreira. Joana fez essa referência à praça mexendo a cabeça em forma de positivo para mim e acrescentou um “né?” no final da frase, levando-me a crer que no entendimento dela eu já conhecia essa expressão para se tratar da praça.

Falando sobre as facilidades ou um lado bom de escolher a Praça do Ferreira para dormir e passar o dia, Joana informou que na praça é bom, pois tem muita ajuda das pessoas que passam por ali todos os dias, alguns donos de restaurantes, também a ajuda dos “irmãos” da igreja como ela mesma disse.

Sobre as principais dificuldades, Joana disse: “– Uma das coisas mais difíceis é se manter saudável, pois é fácil ficar doente dormindo no chão com o frio da noite, e como agente não tem documentação pessoal, os postos de saúde não querem atender agente!”.

Disse ainda que as pessoas em situação de rua sofrem exclusão social sob forma de preconceito, informou que ela mesma já foi vítima de preconceito. Foi, inclusive, relatado anteriormente.

Disse que é usuária de drogas e que foram as drogas a principal causa de sua ida para a situação de rua.

No final da entrevista um homem sentou-se junto dela, cumprimentei-o, mas percebi que não estava muito sociável, Joana o apresentou como companheiro dela, e que os dois vivem na situação de rua atualmente.

Embora Joana também tivesse ciência do caráter apenas científico de minha pesquisa, chegou a cobrar de mim algum tipo de ajuda, não sei se ela pedia ajuda material ou não mas disse o seguinte: “– Vocês deveriam ajudar a gente!”.

Ratifiquei para Joana os objetivos de minha pesquisa, e informei que naquele momento era ela quem estava me ajudando e sua contribuição também era válida e relevante no viés social que tinha a pesquisa.

Agradei novamente a ela e seu companheiro e encerrei minha pesquisa de campo em torno das 20h30min.

Após a pesquisa de campo, pode-se observar que os aspectos sociais e econômicos que podem ocasionar a situação de rua vivenciada pelas pessoas que encontram nessa situação na Praça do Ferreira, podem ser identificados como elas próprias falaram e deram sua opinião, como a dependência de substâncias entorpecentes como a droga e o álcool, e a perda dos vínculos familiares geralmente como decorrência da dependência química, esses vínculos tendem a se enfraquecerem com o passar do tempo e que as pessoas vivem em situação de rua: “Entre os diversos jovens contatados, grande parte teve os primeiros contatos com a *vida na rua* já na infância, muitos por maus-tratos ou discordâncias familiares”. (RAUPP; ADORNO, 2011, p.58).

Como aponta a seguir, o autor afirma que para uma boa estruturação pessoal, uma pessoa depende, entre outras coisas, de uma boa estrutura social e emocional em sua volta. Ou seja, a família e a sociedade:

Segundo Varanda e Adorno (2004, p.62), as pessoas que sobrevivem na pobreza possuem vínculos bastante frágeis, os quais tendem a se fortalecer ou romper de acordo com as dificuldades vividas e o acúmulo de “experiências desestruturantes”. Por “experiências desestruturantes” os autores compreendem as experiências individuais as quais, ao invés de fortalecer os recursos pessoais, minam seu potencial de organização interna e sua capacidade de articulação. Estes eventos estariam intimamente relacionados com a violência estrutural presente na sociedade. (RAUPP; ADORNO, 2011, p. 64)

Na primeira entrevista, a entrevistada revela que as drogas tem real relação com a sua ida para situação de rua, a dependência química apresentada por uma amiga e a estrutura familiar enfraquecida (só mantinha contato com a irmã pois os pais, segundo ela, haviam falecido), podem ter colaborado para ir para a situação de rua.

Na segunda entrevista, o entrevistado era usuário de álcool, porém revelou que o motivo principal para a situação de rua em que se encontrava foi por motivos de desavenças familiares.

Na terceira entrevista, vê-se novamente a dependência química a desfazer os vínculos familiares que acarretaram na situação de rua vivenciada por aquela pessoa. Nesse caso vemos também que além da droga ter gerado a perda dos vínculos familiares até a situação de rua, posteriormente a situação de rua gerou perda desses vínculos com a filha da entrevistada, que ainda os mantinham enquanto usuária de drogas, mas depois da situação de rua esses laços se romperam totalmente.

No local pesquisado, foi verificado com os relatos dos entrevistados, que a Praça do Ferreira foi identificada como o “coração de mãe”, quer dizer, é realmente escolhida a praça

como ”melhor” local para as pessoas em situação de rua no centro da cidade de Fortaleza. É notável a sensação de preconceito relatada por estas pessoas em seu dia-a-dia na praça, o preconceito com sua aparência suja e o fato de dormir no chão é o que mais é percebido por ela como fator observado pelo preconceito das pessoas. Isso pode ser identificado como manifestação da exclusão social.

Deste modo, pode-se perceber que na Praça do Ferreira, a exclusão social sob forma de preconceito é latente, porém, é visível também que a Praça não é “escolhida” aleatoriamente como ponto de concentração das pessoas em situação de rua no centro da cidade, ela é procurada e até indicada por outras pessoas na mesma situação, como local onde se encontra proteção e atenção, onde se pode ter apoio e embora seja identificada como rua, a praça é além de utilizada pela sociedade como ponto comercial, de passeio, referência para festas municipais etc., é também identificada pelas pessoas em situação de rua que nela se encontram como o “coração de mãe” com “todos ou quase todos” os favores que a expressão faz alusão para a situação em que se encontram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao deparar-nos com a problemática: pessoas em situação de rua, embora seja uma realidade que normalmente chama-nos a atenção, geralmente não nos leva a identificar ou a nos questionar sobre o que leva ou o que pode levar uma pessoa a se encontrar nessa situação.

Todos os fortalezenses, provavelmente, em algum momento da vida, já devem ter ido ao centro da cidade ou ainda devem ir. A Praça do Ferreira, como espaço público deve ser analisada sob um olhar que leve em conta todo seu contexto social, o que nela existe, o que acontece, o que ela representa. Entender essa dinâmica pode fazer todo um sentido no estudo do fenômeno das pessoas que estão em situação de rua atualmente naquele local.

Se olharmos para a história da Praça do Ferreira veremos que, por ser um espaço central da cidade, foi palco de transformações que delimitaram seu território por interesses que visavam justamente o crescimento econômico, social, mas também intelectual da cidade. Foi no “Café Java, o primeiro a ser construído e o predileto da maioria dos intelectuais, onde nasceu o movimento literário mais importante da capital, idealizado por Antônio Sales, a Padaria Espiritual (1892-1898)”. (SILVA, 2006, p. 91).

A Praça do Ferreira por ser um local onde a elite da capital se encontrava, na época onde o glamour parisiense era reproduzido, protagonizou muitas mudanças e modificações até chegarem aos dias atuais. O próprio público que hoje frequentam o local são exemplos dessas modificações.

Diversas são as motivações encontradas para a ida até a Praça do Ferreira, desde os encontros casuais, encontros propositais, descanso de horário de almoço do trabalho, ou até mesmo só para passar o tempo, a praça também tem suas motivações mais audaciosas como campo propício para o mercado informal de comércio, artistas de rua, manifestações políticas religiosas e até para atividades recreativas como comemorações do aniversário da cidade e festas populares.

Olhar para a Praça do Ferreira como campo de pesquisa só me foi possível após ingressar no curso de Serviço Social no qual estou concluindo com esse trabalho, onde esse olhar mais crítico proporcionado pelas vivências em sala de aula e estudo das disciplinas propostas me forneceu um desejo de responder a questionamentos antes feitos de formas mais superficiais dos problemas sociais que ali me deparava quando encontrava expressões da questão social que eu mesmo tinha vontade de intervir como voluntário de um movimento da Igreja Católica (a Fraternidade Toca de Assis e a Pastoral Social da Paróquia São Pedro na

Barra do Ceará) que fazem trabalhos de caridade com a população de rua de vários locais de Fortaleza, entre eles na Praça do Ferreira.

Vários poderiam ser os motivos e as desestruturas sociais que levariam uma parcela da população em situação de rua de Fortaleza a frequentarem e passarem maior parte do dia e até dormirem, na Praça do Ferreira, porém nunca me passou pela cabeça que esse local era “escolhido” por essa população por ser um local que ofereça mais “benefícios”(se é que se pode chamar assim) do que outros locais onde costumamos ver essas pessoas em nossa cidade. Falarei mais à frente sobre a expressão “coração de mãe” em que ouvi das próprias pessoas em situação de rua que pesquisei.

Não que as pessoas que se encontram em situação de rua em Fortaleza vão para a Praça do Ferreira por vontade própria, ou por que escolhem simplesmente morar na rua e encontram na Praça do Ferreira uma “moradia” melhor que sua própria casa. Longe disso.

Na verdade depois de passar por várias problemáticas sociais, que irei falar mais à frente, que são, sem dúvida, muito dolorosas para as pessoas que sofrem juntamente com suas famílias, são cruelmente empurradas pela exclusão social e pela necessidade econômica dos subsídios da sobrevivência, sendo estes para estudar, para trabalhar, para saúde e até para comer, para criar seus filhos e para educa-los.

Essas pessoas são obrigadas a, não tendo outra forma, romperem seus próprios limites de dignidade e encontrarem, qualquer outro meio de se abrigar e de sobreviver: “pela falta de moradia convencional regular. São pessoas compelidas a habitar logradouros públicos (ruas, praças, cemitérios, etc.) e, ocasionalmente, utilizar abrigos e albergues para pernoitar”. (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME, 2006).

As problemáticas que citei e que quis pesquisar neste trabalho são referentes à relação entre a dependência química e/ou do álcool e a situação de rua vivenciada por aquelas pessoas.

Não cheguei a uma conclusão clara que a dependência química, embora seja também uma das fortes formas de expressão da questão social na atualidade, seja causadora por si só do fenômeno situação de rua, porém associada a perda dos vínculos familiares, que é outra categoria de análise que enumerei para ser estudada, é uma potente realidade que infelizmente tem a capacidade de romper com as relações sociais dos indivíduos, enfraquecendo assim sua capacidade de autonomia para reerguer-se, e contribuindo para a decadência da autoestima

fortalecendo ainda mais a condição de falta de recursos econômicos e sociais levando assim à situação de rua.

Desse modo a resposta aos objetivos: investigar a relação do uso de drogas na adolescência/juventude e as pessoas em situação de rua no centro da cidade de Fortaleza e apontar a existência da possível ligação entre a perda dos vínculos familiares e as pessoas em situação de rua no centro da cidade, foi encontrada da seguinte forma: o problema da dependência química ou do álcool, especialmente na adolescência/juventude, pode sim gerar a situação de rua em Fortaleza geralmente, se fortalecida pela perda dos vínculos familiares cujas bases, por sua vez, são geralmente enfraquecidas pela dependência dessas substâncias entorpecentes e seu consumo em grande escala.

Para responder ao objetivo: Descrever as condições de vida, o dia-a-dia e a exclusão social enfrentados pelas pessoas que se encontram nessa situação no local pesquisado. Os resultados foram ainda mais interessantes.

Foi onde tive como resposta a uma das perguntas do questionário que apliquei na entrevista, onde se perguntava sobre as “dificuldades e facilidades” encontradas pelas pessoas em situação de rua na Praça do Ferreira, a expressão já citada anteriormente: “coração de mãe” para se referir à praça.

Creio que não preciso ressaltar novamente, que essa não é uma expressão de contentamento da situação de rua em que essas pessoas se encontram, nem muito menos que a referida praça sirva de melhor moradia assim como era a casa de seus pais. Não o é.

Isso é quebrado justamente quando todas as pessoas pesquisadas dizem que sofrem e já sofreram algum tipo de exclusão social por estar na praça. Porém de acordo com dois dos três relatos da pesquisa qualitativa que apliquei, pela resposta e pela forma de falar dos pesquisados, pode-se identificar como resultados que dentre muitos outros locais onde se aglomeram pessoas que compartilham todos os dias, dificuldades e austeridades para se manterem vivas ou mesmo para manterem seus filhos vivos, as pessoas em situação de rua encontram na Praça do Ferreira um local mais seguro, onde encontram mais formas de se encontrar subsídios para sobrevivência, e onde podem ser mais “vistos” pela sociedade e movimentos sociais em geral.

É também onde podem ter mais acesso à algum tipo de trabalho informal ou não, onde foi desmistificado a figura de vagabundos das pessoas em situação de rua na pesquisa bibliográfica onde mostra que apenas 15% da população de rua nacional são pedintes, ou seja,

85% dessa população no país tem algum tipo de atividade para se manterem (GUIA DE ATUAÇÃO MINISTERIAL, 2015).

A pergunta de partida deste trabalho pode ser respondida com soluções que fortaleçam os vínculos familiares como sendo importantes para a manutenção da autoestima e motivadores para a procura da autodeterminação em ascensão pessoal, moral e social.

Os problemas relacionados à dependência química ou de álcool, devem, ter uma maior atenção, pois hoje a mídia e os problemas relacionados ao tráfico de drogas constituem uma forte rede motivadora e facilitadora onde os mais prejudicados são as famílias e os próprios adolescentes/jovens que por inexperiência e incentivo, já que muitos deles iniciam a usar drogas ainda na escola, ainda no ensino fundamental, estão expostos aos perigos da dependência química e o alcoolismo.

O presente estudo não tem a pretensão de conter e englobar todos os possíveis aspectos causadores da situação de rua vivenciada pelas pessoas na Praça do Ferreira, pelo contrário, concluo que essa é uma área tão extensa de pesquisa que quanto mais nos debruçamos sobre o problema, mais encontramos categorias de análise para serem estudadas. Uma prova disso é a expressão “coração de mãe” que saltou da pesquisa, que era desconhecida por mim, mas que pode ser um trampolim para pesquisas futuras para se entender a dinâmica da atual conjuntura da Praça do Ferreira. Eu a tenho como conquista e fruto dessa pesquisa que realizei.

REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, S. C., Abreu, D.P., & Farias, A.A. Pessoas em situação de rua: Trajetórias de exclusão social aos processos emancipatórios de formação de consciência, identidade e sentimento de pertença. **Revista colombiana de psicologia**, Bogotá, ano 24, n. 1, p. 129-143, jun 2015
- ÁLCOOL E DROGAS SEM DISTORÇÃO**. Disponível em: <http://apps.einstein.br/alcooledrogas/novosite/atualizacoes/ac_108.htm>. Acesso em 09 maio 2016
- BAUMAN, Zigmund. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BRASIL. Congresso Nacional. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: 1998.
- CASÉ, Paulo. **A cidade desvendada: reflexões polêmicas sobre o espaço urbano: seus mistérios e fascínios**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CNMP-Guia de Atuação Ministerial: defesa dos direitos das pessoas em situação de rua. Biblioteca CNMP, Brasília, 2015.
- DUAILIB; RIBEIRO; LARANJEIRA. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 32, n. supl. 1 2005.
- ESCOREL, S. **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MINAYO, M.C.de S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993. p 21-65
- GOMES, Mônica Araújo; PEREIRA, Maria Lúcia Duarte. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Fortaleza, ano 10, n 2: p. 357-363, ago. 2005.
- IPECE | INFORME : **O Uso de Drogas Ilícitas entre Estudantes do Ensino Fundamental em Fortaleza e demais Capitais Brasileiras – 2012**. nº 74, fev. 2014).
- META Instituto de Pesquisa de Opinião. **Relatório Final do Primeiro Censo Nacional e Pesquisa Amostral sobre a População em Situação de Rua**. Porto Alegre, 2008.
- MENDES, Célia Regina Pessanha, HERR, João Fillipe **Vivência nas ruas, dependência de drogas e projeto de vida: um relato de experiência no CAPS-ad**, Revista Psicologia e Saúde, vol 6 n 1, Campo Grande, Jun 2014
- MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1997.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. **Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua**. Secretaria Nacional de Assistência Social. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. Novembro de 2006.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME; Prefeitura de Belo Horizonte, PUC – Minas, INSEA e Fórum da População de Rua. **2º Censo da População de Rua e Pesquisa Qualitativa** – Belo Horizonte: O lutador, 2005, p. 89 - Moradora A.

OGG, Helena D'Ávila. Centro de Assistência à População em Situação de Rua. 2014. 73 f. Monografia (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Trabalho de Conclusão de Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. **A cidade dos clubes: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

RAUPP, L. M.; ADORNO, R. de C. F.; **Jovens em situação de rua e usos de crack: um estudo etnográfico em duas cidades**. Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade, 2011, (4): p. 52-67)

ROSA, C. M. M. **Vidas de rua, destino de muitos**. [CD-ROM]. São Paulo: IEE-PUC/SP, 1999.

SARASON, S. B. (1974). **The psychological sense of community: Prospects for a community psychology**. San Francisco: Jossey-Bass.

SARTI, C. A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

SILVA, Elizete Américo. **Espaços Públicos e Territorialidades: As Praças Do Ferreira, José De Alencar e o Passeio Público, Fortaleza 2006**. 174p. Dissertação (mestrado em geografia-MG) Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza - CE 2006.

SILVA, Maria Lucia Lopes da. **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005**. 2006. 220f. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília.

SMAD, **Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas**. vol. 6, no. Spe, Ribeirão Preto, Port., nov.2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762010000300010#addressback>. Acesso em: 26 maio 2016.

VARANDA E ADORNO; **Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde**. Saúde e Sociedade v.13, n.1, p. 56-69, jan-abr 2004

PAUGAM, S. **O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais**. In: SAWAIA, B. (Org.). As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. São Paulo: Vozes, 1999.

VIEIRA, M. A. C.; RAMOS BEZERRA, E. M.; MAFFEI ROSA C.M. **População de rua: quem é, como vive, como é vista**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Declaro, por meio deste Termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada: _____ desenvolvida por _____. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada por _____, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (85) _____. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) do objetivo geral, estritamente acadêmico, do estudo que, em linhas gerais, é _____. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa e que minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(sua) orientador(a). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse estudo a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Fortaleza, ____ de _____ de 201__.

Assinatura do(a) participante:

Assinatura do(a) pesquisador(a):

Assinatura da testemunha:

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista semiestruturada para coleta de dados em campo**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

- 1) COM QUAL IDADE VOCÊ INICIOU NA SITUAÇÃO DE RUA NA QUAL SE ENCONTRA?
- 2) QUAL SUA IDADE?
- 3) O QUE CAUSOU SUA IDA PARA AS RUAS?
- 4) VOCÊ CONSIDERA QUE O USO DE ÁLCOOL/DROGAS PODE TER CONSEQUÊNCIAS, COMO A IDA DE UMA PESSOA PARA A SITUAÇÃO DE RUA?
- 5) VOCÊ MANTÉM SEUS VÍNCULOS FAMILIARES? QUAIS?
- 6) SE A RESPOSTA FOR NÃO, ESSA PERDA DOS VÍNCULOS FAMILIARES TEM RELAÇÃO COM SUA IDA PARA AS RUAS?
- 7) POR QUAL MOTIVO VOCÊ ESCOLHEU A PRAÇA DO FERREIRA PARA FICAR?
- 8) VOCÊ É NATURAL DE ONDE?
- 9) QUAIS SÃO AS FACILIDADES E DIFICULDADES DA VIDA NAS RUAS?
- 10) O QUE VOCÊ CONSIDERA COMO SENDO AS PRINCIPAIS DIFICULDADES?
- 11) VOCÊ ACHA QUE UMA PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA SOFRE ALGUM TIPO DE EXCLUSÃO?
- 12) VOCÊ SOFRE OU JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE EXCLUSÃO?

SOMENTE SE A PESSOA QUISE RESPONDER

- 13) VOCÊ É USUÁRIO (A) DE ÁLCOOL OU DROGAS?
- 14) SE A RESPOSTA FOR SIM, O USO DESSA SUBSTÂNCIA TEM ALGUMA RELAÇÃO COM SUA IDA PARA A SITUAÇÃO DE RUA NA QUAL SE ENCONTRA?